



# A Grande Rebelião

Samael Aun Weor



  
*coleção Pégaso*

49

# A GRANDE REBELIÃO



Samael Aun Weor

# A Grande Rebelião

*Samael Aun Weor*

Título original: La Gran Rebelión

Coleção Pegaso Edição: 4 novembro, 2022

DIREITOS DE AUTOR:

*...”Hoje meus queridos irmãos e para sempre, renuncio e renunciei, e seguirei renunciando aos direitos de autor. O único que desejo é que estes livros se vendam de forma barata, ao alcance dos pobres, ao alcance de todos os que sofrem e choram. Que o cidadão mais feliz possa conseguir esse livro, com o pouco dinheiro que leva em sua bolsa. Isso é tudo!”*

*Samael Aun Weor  
Pronunciamento no Congresso de Guadalajara  
México: 29/10/1976*



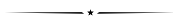
*colecção Pégaso*



# ÍNDICE

1. A vida .....	11
2. A crua realidade dos fatos .....	15
3. A felicidade .....	23
4. A liberdade .....	29
5. A lei do pêndulo .....	35
6. Conceito e realidade .....	43
7. A dialética da Consciência .....	47
8. O jargão cientificista .....	53
9. O anticristo .....	59
10. O “eu” psicológico .....	65
11. As trevas .....	71
12. As três mentes .....	75
13. Memória-trabalho .....	83
14. Compreensão criadora .....	89
15. A Kundalini .....	95

16. Normas intelectuais	99
17. A faca da Consciência	105
18. O país psicológico	111
19. As drogas	117
20. Inquietudes	121
21. Meditação	127
22. Retorno e recorrência	133
23. O Cristo Íntimo	139
24. Trabalho Crístico	143
25. O difícil caminho	149
26. Os três traidores	153
27. Os “eus” causas	157
28. O Super-Homen	161
29. O Santo Graal	167



— **A Grande Rebelião.** Referência: na conferência “A Sabedoria da Morte” do Mestre Samael lemos: “*Bom, escutamos a palavra de nosso irmão dominicano e... francamente... sim!, me surpreendeu a pergunta... tremendamente! Surpreendeu-me pelo próprio fato de que já escrevi três livros sobre o mesmo: o primeiro, pois, O Mistério do Áureo Florescer [1971-72], o segundo, com uma didática exata sobre a dissolução do ego, Tratado de Psicologia Revolucionária [75-76] e o terceiro, o que acaba de sair, A Grande Rebelião*”. Portanto, esta é uma obra dos últimos anos. Mensagem de Natal 76-77.

*Encontro com Samael*



*Capítulo 1*

## A vida

Ainda que pareça incrível, é muito certo e de toda verdade, que esta tão cacarejada civilização moderna é espantosamente feia, não reúne as características transcendentais do sentido estético, está desprovida de beleza interior.

É muito o que presumimos com esses horripilantes edifícios de sempre, que parecem verdadeiras ratoeiras.

O mundo tem se tornado tremendamente aborrecedor, as mesmas ruas de sempre e as vivendas horripilantes por toda parte.

Tudo isso tem se tornado cansativo, no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste do mundo.

É o mesmo uniforme de sempre: horripilante, nauseabundo, estéril. Modernismo!, exclamam as multidões.

Parecemos verdadeiros pavões vaidosos com o traje que carregamos e com os sapatos muito brilhantes, ainda que por aqui, por ali e por toda parte circulem milhões de infelizes famintos, desnutridos, miseráveis.

A simplicidade e a beleza natural, espontânea, ingênua, desprovida de artifícios e pinturas vaidosas, têm desaparecido no sexo feminino. Agora somos modernos, assim é a vida.

As pessoas têm se tornado espantosamente cruéis; a caridade tem se esfriado, já ninguém tem pena de ninguém.

As vitrines ou aparadores das luxuosas lojas resplandecem com luxuosas mercadorias que definitivamente estão fora do alcance dos infelizes.

O único que podem fazer os párias da vida é olhar para sedas e jóias, perfumes de frascos luxuosos e guarda-chuvas para aguaceiros; ver sem poder tocar, suplício semelhante ao do Tântalo.

As pessoas destes tempos modernos têm se tornado demasiado grosseiras; o perfume da amizade e a fragrância da sinceridade têm desaparecido radicalmente.

Gemem as multidões sobrecarregadas de impostos; todo o mundo está com problemas; devem-nos e devemos, ajuízam-nos e não temos com que pagar, as preocupações despedaçam cérebros, ninguém vive tranqüilo.

Os burocratas, com a curva da felicidade em seus ventres e um bom cigarro na boca, no qual se apóiam psicologicamente, fazem malabarismos políticos com a mente, sem dar a mínima para a dor dos povos.

Ninguém é feliz por estes tempos, e menos ainda a classe média; esta se encontra entre a espada e a parede.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, comerciantes e mendigos, sapateiros e funileiros, vivem porque têm que viver; afogam em vinho suas torturas e até se convertem em drogados para escapar de si mesmos.

As pessoas se tornaram maliciosas, receosas, desconfiadas, astutas, perversas; já ninguém crê em ninguém; se inventam diariamente novas condições, certificados, entraves de todo tipo, documentos, credenciais etc., e, e de toda maneira, já nada disso serve; os astutos zombam de toda essas tolices, não pagam, esquivam-se da lei mesmo que tenham que ir com os seus ossos para a cadeia.

Nenhum emprego dá felicidade; o sentido do verdadeiro amor tem se perdido e as pessoas casam-se hoje e divorciam-se amanhã.

A unidade dos lares tem se perdido lamentavelmente; a vergonha orgânica já não existe, o lesbianismo e o homossexualismo têm se tornado mais comuns que lavar as mãos.

Saber algo sobre tudo isto, tratar de conhecer a causa de tanta podridão, inquirir, buscar, é certamente o que nos propomos neste livro.

Estou falando na linguagem da vida prática, desejoso de saber o que é que se esconde por trás dessa máscara horripilante da existência.

Estou pensando em voz alta e que digam os velhacos do intelecto o que quiserem.

As teorias já se tornaram cansativas e até se vendem e revendem no mercado... Então, o quê?

As teorias só servem para nos ocasionar preocupações e nos amargurar mais a vida.

Com justa razão disse Goethe: *“Toda teoria é cinza e só é verde a árvore de frutos dourados que é a vida.”*

As pobres pessoas já se cansaram de tantas teorias, agora se fala muito sobre praticidade, necessitamos ser práticos e conhecer realmente as causas de nossos sofrimentos.

*Capítulo 2*

## **A crua realidade dos fatos**

Em breve, milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina podem morrer de fome.

O gás lançado pelos sprays pode acabar radicalmente com o ozônio da atmosfera terrestre.

Alguns sábios prognosticam que até o ano dois mil, o subsolo de nosso globo terráqueo será esgotado.

As espécies marítimas estão morrendo devido à contaminação dos mares, isto já está demonstrado.

Inquestionavelmente, ao passo que vamos, até o final deste século, todos os habitantes das grandes cidades deverão usar máscaras de oxigênio, para se defenderem do fumo.

Se continuar a contaminação em sua forma alarmante atual, em pouco tempo já não será possível comer peixes, estes últimos vivendo em águas assim, totalmente contaminadas, serão perigosos para a saúde.

Antes do ano dois mil será quase impossível encontrar uma praia onde alguém possa se banhar com água pura.

Devido ao consumo desmedido e a exploração do solo e do subsolo, logo as terras já não poderão produzir os elementos agrícolas necessários para a alimentação das pessoas.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, ao contaminar os mares com tanta imundície, envenenar o ar com o fumo dos carros e de suas fábricas, e destruir a Terra com suas explosões atômicas subterrâneas e o abuso de elementos prejudiciais para a crosta terrestre, é claro que tem submetido o planeta Terra a uma longa e espantosa agonia, que indubitavelmente haverá de terminar em uma Grande Catástrofe.

Difícilmente, o mundo poderá cruzar o umbral do ano dois mil, já que o “animal intelectual” está destruindo o ambiente natural a mil por hora.

O “mamífero racional” equivocadamente chamado homem, está empenhado em destruir a Terra, quer fazê-la inabitável, e é óbvio que o está conseguindo.

Enquanto ao que se refere aos mares, é ostensível que estes têm sido convertidos por todas as nações em uma espécie de grande lixeira.

Setenta por cento de todo o lixo do mundo está indo para cada um dos mares. Enormes quantidades de petróleo, inseticidas de toda classe, múltiplas substâncias químicas, gases venenosos, gases neurotóxicos, detergentes etc., estão aniquilando a todas as espécies viventes do Oceano.

As aves marítimas e o plâncton, tão indispensável para a vida, estão sendo destruídos. Inquestionavelmente, a

aniquilação do plâncton marinho é de uma gravidade incalculável porque este microrganismo produz setenta por cento do oxigênio terrestre.

Mediante a investigação científica tem sido possível verificar que, certas partes do Atlântico e do Pacífico já se encontram contaminadas com resíduos radioativos, produto das explosões atômicas.

Em distintas metrópoles do mundo e especialmente na Europa, a água doce é bebida, eliminada, depurada e logo é bebida novamente.

Nas grandes cidades “supercivilizadas”, a água que se serve às mesas passa pelos organismos humanos muitas vezes.

Na cidade de Cúcuta, fronteira com Venezuela, República da Colômbia, América do Sul, os habitantes se vêem obrigados a beber as águas negras e imundas do rio que carrega todas as porcarias que vêm de Pamplona. Quero referir-me, de forma enfática, ao rio Pamplonita, que tem sido tão nefasto para a “Pérola do Norte” (Cúcuta).

Afortunadamente, existe agora outro aqueduto que abastece à cidade, sem que por isso se deixe de beber as águas negras do rio Pamplonita.

Enormes filtros, gigantescas máquinas, substâncias químicas, tratam de purificar as águas negras das grandes cidades da Europa, mas as epidemias continuam propagando-se com essas águas negras imundas que tantas vezes têm passado pelos organismos humanos.

Os famosos bacteriólogos encontraram na água potável das grandes capitais toda classe de vírus, colibacilos patogênicos, bactérias de tuberculose, tifo, varíola, larvas, etc.

Ainda que pareça inacreditável, dentro das próprias estações de purificação de água em países europeus, tem se encontrado o vírus da vacina da poliomielite.

Além disso, o desperdício de água é espantoso; cientistas modernos afirmam que para o ano 1990 o humanoide racional morrerá de sede.

O pior de tudo isso é que as reservas subterrâneas de água doce se encontram em perigo, devido aos abusos do animal intelectual.

A exploração, sem misericórdia, dos poços de petróleo continua sendo fatal. O petróleo que se extrai do interior da Terra atravessa as águas subterrâneas e as contamina.

Como consequência, o petróleo tem tornado impotáveis as águas subterrâneas da Terra durante mais de um século.

Obviamente, como resultado de tudo isto, morrem os vegetais e até multidões de pessoas.

Falemos agora um pouco sobre o ar que é tão indispensável para a vida das criaturas.

Com cada aspiração e inalação, os pulmões tomam meio litro de ar, ou seja, uns doze metros cúbicos ao dia. Multiplique-se tal quantidade pelos quatro mil e quinhentos milhões de habitantes que possui a Terra e, então, teremos a quantidade exata de oxigênio que consome diariamente a

humanidade inteira, sem contar com o que consomem todas as outras criaturas animais que povoam a face da Terra.

A totalidade do oxigênio que inalamos encontra-se na atmosfera e se deve ao plâncton, que agora estamos destruindo com a contaminação e, também, à atividade fotossintética dos vegetais. Desgraçadamente, as reservas de oxigênio já estão se esgotando.

O mamífero racional equivocadamente chamado homem, mediante suas inumeráveis indústrias, está diminuindo, de forma contínua, a quantidade de radiação solar, tão necessária e indispensável para a fotossíntese, e é por isso que a quantidade de oxigênio que produzem atualmente as plantas é agora muitíssimo menor que no século passado.

O mais grave de toda esta tragédia mundial é que o “animal intelectual” continua contaminando os mares, destruindo o plâncton e acabando com a vegetação.

O “animal racional” prossegue destruindo, lamentavelmente, suas fontes de oxigênio.

O “*smog*” que o “humanoide racional” está constantemente expulsando no ar, além de matar, põe em perigo a vida do planeta Terra.

O “*smog*” não só está aniquilando as reservas de oxigênio, como também está matando as pessoas.

O “*smog*” origina estranhas e perigosas enfermidades impossíveis de curar, isto já está demonstrado.

O “*smog*” impede a entrada da luz solar e dos raios ultravioletas, originando, por isso, graves desordens na atmosfera.

Admirá uma era de alterações climáticas, glaciações, avanço dos gelos polares para o equador, ciclones espantosos, terremotos etc.

Devido não ao uso, senão ao abuso da energia elétrica, no ano dois mil haverá mais calor em algumas regiões do planeta Terra e isto coadjuvará no processo de revolução dos eixos da Terra.

Em breve os polos ficarão constituídos no equador da Terra, e este último se converterá em polos.

Degelos dos polos têm começado e um novo Dilúvio Universal, precedido pelo fogo, se aproxima.

Nos próximos decênios se multiplicará o “dióxido de carbono”, então esse elemento químico formará uma grossa camada na atmosfera da Terra.

Tal filtro, ou camada, absorverá lamentavelmente a radiação térmica e atuará como uma estufa de fatalidades.

O clima da Terra se tornará mais quente em muitos lugares e o calor fará derreter o gelo dos polos, subindo por tal motivo o nível dos oceanos escandalosamente.

A situação é gravíssima, o solo fértil está desaparecendo e diariamente nascem duzentas mil pessoas que necessitam alimento.

A catástrofe mundial da fome que se avizinha será certamente pavorosa, isto já está às portas. Atualmente, estão morrendo quarenta milhões de pessoas anualmente pela fome, por falta de comida.

A criminoso industrialização das florestas e a exploração desapiedada das minas e petróleo estão deixando a Terra convertida em deserto.

Se bem é certo que a energia nuclear é mortal para a humanidade, não é menos certo que atualmente existem também “raios de morte”, “bombas bacteriológicas” e muitos outros elementos terrivelmente destrutivos, malignos, inventados pelos cientistas.

Inquestionavelmente, para conseguir a energia nuclear se requerem grandes quantidades de calor, difíceis de controlar e que a qualquer momento podem originar uma catástrofe.

Para conseguir a energia nuclear se requerem enormes quantidades de minerais radioativos, dos quais só se aproveita uns trinta por cento, isso faz com que o subsolo ter-ráqueo se esgote rapidamente.

Os desperdícios atômicos que ficam no subsolo resultam espantosamente perigosos. Não existe lugar seguro para os desperdícios atômicos.

Se o gás de uma lixeira atômica chegasse a escapar, ainda que só fosse uma mínima porção, morreriam milhares de pessoas.

A contaminação de alimentos e águas traz alterações genéticas e monstros humanos, criaturas que nascem deformadas e monstruosas.

Antes do ano de 1999, haverá um grave acidente nuclear que causará verdadeiro espanto.

Certamente, a humanidade não sabe viver, tem se degenerado espantosamente e francamente tem se precipitado ao abismo.

O mais grave de toda essa questão é que os fatores de tal desolação, os quais são: fomes, guerras, destruição do planeta em que vivemos etc., estão dentro de nós mesmos, nós os carregamos em nosso interior, em nossa psique.

*Capítulo 3*

## A felicidade

As pessoas trabalham diariamente, lutam para sobreviver; querem existir de alguma maneira, porém não são felizes.

Isso da felicidade está em chinês, como se diz por aí. O mais grave é que as pessoas sabem disso, mas em meio de tantas amarguras, parece que não perdem as esperanças de lograr a felicidade algum dia, sem saber como, nem de que maneira.

Pobres pessoas! Quanto sofrem! E, no entanto, querem viver, temem perder a vida...

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente até pensariam diferente, mas, na verdade, nada sabem, querem sobreviver em meio a sua desgraça e isso é tudo.

Existem momentos prazerosos e muito agradáveis, porém isso não é felicidade; as pessoas confundem o prazer com a felicidade.

Folia, farra, bebedeira, orgia, é prazer bestial, mas não é felicidade... No entanto, há festinhas sãs, sem bebedeiras,

sem bestialidades, sem álcool etc., contudo isso tampouco é felicidade...

Tu és uma pessoa amável? Como te sentes quando danças? Estás enamorado? Amas de verdade? Como te sentes dançando com o ser que adoras? Permite que me torne um pouco cruel, nestes momentos, ao dizer-vos que isto tampouco é felicidade.

Se já estás velho, se não te atraem estes prazeres, se, te parecem com gosto de barata, desculpa-me se te digo que serias diferente se fosses jovem e cheio de ilusões.

De todas as maneiras, diga-se o, que se diga, dances ou não dances, namores ou não namores, tenhas ou não isso que se chama dinheiro, tu não és feliz, ainda que penses o contrário.

A pessoa passa a vida buscando a felicidade por todas as partes e morre sem havê-la encontrado.

Na América Latina são muitos os que têm esperanças de tirar algum dia o prêmio gordo da loteria, creem que assim vão lograr a felicidade; alguns até de verdade o tiram, mas nem por isso logram a tão ansiada felicidade.

Quando alguém é jovem, sonha com a mulher ideal, alguma princesa das “Mil e Uma Noites”, algo extraordinário; depois, vem a crua realidade dos fatos: mulher, filhos pequenos para sustentar, difíceis problemas econômicos etc.

Não há dúvida de que à medida que os filhos crescem, os problemas também crescem e até se tornam impossíveis...

Conforme o menino ou a menina vai crescendo, os sapatinhos vão sendo cada vez maiores e o preço também, isto é claro.

Conforme as crianças crescem, as roupas vão custando cada vez mais e mais caras; havendo dinheiro, não há problema nisto; mas, se não há, a coisa é grave e se sofre horivelmente...

Tudo isso seria mais ou menos tolerável, se tivesse uma boa mulher; mas quando o pobre homem é traído, quando lhe põem os “chifres”, de que lhe serve então lutar por aí para conseguir dinheiro?

Desgraçadamente, existem casos extraordinários, mulheres maravilhosas, companheiras de verdade, tanto na opulência quanto na desgraça. Mas, para o cúmulo dos cúmulos, o homem não sabe apreciá-la e então até a abandona por outras mulheres que vão lhe amargar a vida.

Muitas são as donzelas que sonham com um “príncipe encantado”. Desafortunadamente, de verdade, as coisas se tornam bem diferentes e, no terreno dos fatos, a pobre mulher casa-se com um verdugo...

A maior ilusão de uma mulher é chegar a ter um belo lar e ser mãe: “santa predestinação”; no entanto, ainda que tenha um marido muito bom, coisa por certo muito difícil, no fim, tudo passa: os filhos e as filhas se casam, se vão ou são ingratos aos seus pais e o lar conclui definitivamente.

Conclusão: neste mundo cruel em que vivemos, não existe gente feliz... Todos os pobres seres humanos são infelizes.

Na vida temos conhecido muitos “burros” carregados de dinheiro, cheios de problemas, pleitos de toda espécie, sobrecarregados de impostos, etc. Não são felizes.

De que serve ser rico, se não se tem boa saúde? Pobres ricos! Às vezes são mais desgraçados que qualquer mendigo.

Tudo passa nesta vida; passam as coisas, as pessoas, as ideias, etc. Os que têm dinheiro passam e os que não têm também passam e ninguém conhece a autêntica felicidade.

Muitos querem escapar de si mesmos por meio das drogas ou do álcool, mas, em verdade, não só não conseguem tal escape, se não, o que é pior, ficam presos no inferno do vício.

Os amigos do álcool ou da marijuana ou do LSD, etc., desaparecem como por encanto quando o viciado resolve mudar de vida.

Fugindo do “mim mesmo”, do “eu mesmo”, não se logra a felicidade. Interessante seria “agarrar ao touro pelos chifres”, observar ao “Eu”, estudá-lo com o propósito de descobrir as causas da dor.

Quando alguém descobre as causas verdadeiras de tantas misérias e amarguras, é óbvio que algo pode fazer...

Se, se logra acabar com o “mim mesmo”, com “minhas bebedeiras”, com “meus vícios”, com “meus afetos”, que tanta dor me causam no coração, com “minhas preocupações” que me destroçam o cérebro e me adoecem, etc., etc., é claro que, então, advém isso que não é do tempo; isso que

está além do corpo, dos afetos e da mente; isso que realmente é desconhecido para o entendimento e que se chama: felicidade!

Inquestionavelmente, enquanto a consciência continue engarrafada, embutida entre o “mim mesmo”, entre o “eu mesmo”, de nenhuma maneira poderá conhecer a legítima felicidade.

A felicidade tem um sabor que o “eu mesmo”, o “mim mesmo”, nunca, jamais, tem conhecido.



*Capítulo 4*

## **A liberdade**

O sentido da Liberdade é algo que ainda não tem sido entendido pela humanidade.

Sobre o conceito Liberdade, apresentado sempre de forma mais ou menos equivocada, têm-se cometido gravíssimos erros.

Certamente luta-se por uma palavra, fazem-se deduções absurdas, cometem-se atropelos de toda espécie e derrama-se sangue nos campos de batalha.

A palavra Liberdade é fascinante, todo mundo gosta dela; no entanto, não se tem verdadeira compreensão sobre a mesma, existe confusão em relação a esta palavra.

Não é possível encontrar uma dúzia de pessoas que definam a palavra Liberdade da mesma forma e do mesmo modo.

O termo Liberdade, de modo algum seria compreensível para o racionalismo subjetivo.

Cada qual tem sobre este termo ideais diferentes, opiniões subjetivas das pessoas desprovidas de toda realidade objetiva.

Ao considerar-se a questão Liberdade, existe incoerência, vaguidade, incongruência em cada mente.

Estou seguro que nem sequer Dom Emmanuel Kant, o autor da *Crítica da Razão Pura* e da *Crítica da Razão Prática*, jamais analisou esta palavra para dar-lhe o sentido exato.

Liberdade, formosa palavra, belo termo: quantos crimes têm sido cometidos em seu nome!

Inquestionavelmente, o termo Liberdade tem hipnotizado as multidões. As montanhas e os vales, os rios e os mares têm sido tingidos com sangue ao conjuro desta mágica palavra...

Quantas bandeiras, quanto sangue e quantos heróis têm surgido no curso da História cada vez que sobre o tapete da vida tem sido colocada a questão Liberdade.

Desafortunadamente, depois de toda independência a tão alto preço lograda, a escravidão continua dentro de cada pessoa.

Quem é livre? Quem tem logrado a famosa Liberdade? Quantos se têm emancipado? Ai, ai, ai!

O adolescente anela Liberdade; parece incrível que muitas vezes tendo pão, abrigo, e refúgio, queira fugir da casa paterna em busca de Liberdade.

Resulta incongruente que o juvenzinho que tem tudo em casa, queira evadir-se, fugir, afastar-se de sua morada, fascinado pelo termo Liberdade. É estranho que gozando de toda classe de comodidades no lar ditoso, queira perder o

que se tem, para viajar por essas terras do mundo e submergir-se na dor.

Que o desventurado, o pária da vida, o mendigo, anele de verdade se afastar do casebre, da choça, com o propósito de obter alguma mudança para melhor, é correto; porém que o menino de bem, o neném da mamãe, busque escapatória, fugir, é incongruente e até absurdo; entretanto isto é assim; a palavra Liberdade fascina, enfeitiça, ainda que ninguém saiba defini-la de forma precisa.

Que a donzela queira liberdade, que anele mudar de casa, que deseje casar-se para escapar do lar paterno e viver uma vida melhor, é em parte lógico, porque ela tem direito de ser mãe; não obstante, já na vida de esposa, descobre que não é livre, e com resignação há de seguir carregando as cadeias da escravidão.

O empregado, cansado de tantos regulamentos, quer ver-se livre, e se consegue tornar-se independente descobre o problema que continua sendo escravo de seus próprios interesses e preocupações.

Certamente, cada vez que se luta pela Liberdade, nos sentimos defraudados apesar das vitórias.

Tanto sangue derramado inutilmente em nome da Liberdade e, ainda assim, continuamos sendo escravos de si mesmos e dos demais.

As pessoas lutam por palavras que nunca entendem, ainda que os dicionários as expliquem gramaticalmente.

A Liberdade é algo que há de se conseguir dentro de si mesmo. Ninguém pode lográ-la fora de si mesmo.

“*Cavalgar o vento*” é uma frase bem oriental que alegoriza o sentido da genuína Liberdade.

Ninguém poderia realmente experimentar a Liberdade enquanto sua consciência continue embotelhada no “si mesmo”, no “mim mesmo”.

Compreender este “eu mesmo”, minha pessoa, o que eu sou, é urgente quando se quer muito sinceramente conseguir a Liberdade.

De modo algum poderíamos destruir os grilhões da escravidão sem ter compreendido previamente toda esta questão minha, tudo isto que corresponde ao “eu”, ao “mim mesmo”.

Em que consiste a escravidão? O que é isso que nos mantém escravos? Quais são estas travas? Tudo isto é o que necessitamos descobrir.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, estão todos formalmente presos mesmo que se considerem livres.

Desde que a consciência, a essência, o mais digno e decente que temos em nosso interior, continue embotelhada no “si mesmo”, no “mim mesmo”, no “eu mesmo”, em minhas apetências e temores, em meus desejos e paixões, em minhas preocupações e violências, em meus defeitos psicológicos, estaremos em uma prisão formal.

O sentido da Liberdade só pode ser compreendido integralmente quando tiverem sido aniquilados os grilhões de nosso próprio cárcere psicológico.

Enquanto o “eu mesmo” existir, a consciência estará em prisão; evadir-se do cárcere somente é possível mediante a aniquilação budista, dissolvendo o “eu”, reduzindo-o a cinzas, a poeira cósmica.

A consciência livre, desprovida do “eu”, em ausência absoluta do “mim mesmo”, sem desejos, sem paixões, sem apetências nem temores, experimenta de forma direta a verdadeira Liberdade.

Qualquer conceito sobre Liberdade não é Liberdade. As opiniões que nós formemos sobre a Liberdade distam muito de ser a Realidade. As ideias que forjemos sobre o tema Liberdade, nada têm a ver com a autêntica Liberdade.

A Liberdade é algo que temos que experimentar de forma direta, e isto só é possível morrendo psicologicamente, dissolvendo o “eu”, acabando para sempre com o “mim mesmo”.

De nada serviria continuar sonhando com a Liberdade, se de todas as maneiras prosseguimos como escravos.

Mais vale ver-nos a “si mesmos” tal qual somos, observar cuidadosamente todos estes grilhões da escravidão que nos mantêm em uma formal prisão.

Auto-conhecendo-nos, vendo o que somos interiormente, descobriremos a porta da autêntica Liberdade.



*Capítulo 5*

## A lei do pêndulo

Resulta interessante ter um relógio de parede em casa, não só para saber as horas, mas também para refletir um pouco.

Sem o pêndulo o relógio não funciona; o movimento do pêndulo é profundamente significativo.

Nos tempos antigos o dogma da evolução não existia; então, os sábios entendiam que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo.

Tudo flui e reflui, sobe e desce, cresce e decresce, vai e vem de acordo com esta Lei maravilhosa.

Nada tem de estranho que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vaivém do tempo, que tudo evolucione e involua.

Em um extremo do pêndulo está a alegria, no outro a dor; todas as nossas emoções, pensamentos, anelos, desejos, oscilam de acordo com a Lei do Pêndulo.

Esperança e desespero, pessimismo e otimismo, paixão e dor, triunfo e fracasso, ganância e perda, correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo seu poderio e senhorio às margens do rio sagrado; mas quando o pêndulo foi para o outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto, caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos Profetas.

Caiu Israel quando o pêndulo mudou de posição e surgiu no outro extremo o Império Romano.

O movimento pendular levanta e afunda impérios, faz surgir poderosas civilizações e logo as destrói, etc.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo as diversas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, religiões e seitas.

Podemos colocar no extremo esquerdo do movimento pendular todas as escolas de tipo materialista, marxista, ateuista, céticas, etc., antítese do movimento pendular, variáveis, sujeitas a permutação incessante.

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir ao outro extremo do pêndulo, converter-se em ateuista, materialista, cético.

O fanático materialista, ateuista, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental, um momento de terror indizível, pode lhe levar ao extremo oposto do movimento pendular e convertê-lo num reacionário religioso insuportável.

Exemplos: um sacerdote vencido numa polémica por um esoterista, desesperado tornou-se incrédulo e materialista.

Conhecemos o caso de uma dama ateísta e incrédula que devido a um fato metafísico concludente e definitivo, converteu-se numa expoente magnífica do esoterismo prático.

Em nome da verdade, devemos declarar que o ateísta materialista verdadeiro e absoluto, é uma farsa, não existe.

Ante a proximidade de uma morte inevitável, ante um instante de terror indizível, os inimigos do eterno, os materialistas e incrédulos, passam instantaneamente ao outro extremo do pêndulo e acabam orando, chorando e clamando com fé infinita e enorme devoção.

O próprio Karl Marx, autor do Materialismo Dialético, foi um fanático religioso judeu, e depois de sua morte, lhe renderam pompas fúnebres de grande rabino.

Karl Marx elaborou sua Dialética Materialista com um só propósito: *“criar um arma para destruir todas as religiões do mundo por meio do ceticismo”*.

É o caso típico dos ciúmes religiosos levado ao extremo; de modo algum Marx poderia aceitar a existência de outras religiões e preferiu destruí-las mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu um dos Protocolos de Sião que textualmente diz: *“Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo, o dia em que nós triunfamos, ensinaremos a religião de Moisés devidamente codificada e de forma dialética, e não permitiremos no mundo nenhuma outra religião”*.

Muito interessante resulta que na União Soviética as religiões sejam perseguidas e ao povo seja ensinado dialética materialista, enquanto nas sinagogas se estuda o Talmude, a Bíblia e a religião, e trabalham livremente sem problema algum.

Os amos do governo russo são fanáticos religiosos da Lei de Moisés, mas eles envenenam o povo com essa farsa do Materialismo Dialético.

Jamais nos pronunciaríamos contra o povo de Israel; só estamos declarando contra certa elite de jogo duplo que, perseguindo fins inconfessáveis, envenena o povo com a Dialética Materialista, enquanto em segredo pratica a religião de Moisés.

Materialismo e espiritualismo, com toda sua seqüela de teorias, prejuízos e preconceitos de toda espécie, processam-se na mente de acordo com a Lei do Pêndulo e mudam de moda de acordo com os tempos e os costumes.

Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos que ninguém entende. Nada sabe a mente sobre o espírito, nada sabe sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso, um conceito. A realidade não é um conceito ainda que possa se forjar muitos conceitos sobre a realidade.

O espírito é o espírito (o Ser), e só a si mesmo pode conhecer-se. Escrito está: *“o Ser é o Ser, e a razão de ser do Ser, é o próprio Ser”*.

Os fanáticos do Deus matéria, os cientistas do Materialismo Dialético são cem por cento empíricos e absurdos. Falam sobre matéria com uma auto-suficiência deslumbrante e estúpida, quando na realidade nada sabem sobre ela.

O que é matéria? Qual destes tontos cientistas o sabe? A tão cacarejada matéria é também um conceito demasiado discutível e bastante espinhoso.

Qual é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem? O quê? Dizer que tudo é matéria seria tão empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado ou um coração ou um rim. Obviamente uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, cada órgão é diferente e cada substância é distinta. Então, qual de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Muita gente brinca com os conceitos do pêndulo , porém na realidade os conceitos não são a realidade.

A mente somente conhece formas ilusórias da natureza, porém nada sabe sobre a verdade contida em tais formas.

As teorias passam de moda com o tempo e com os anos, e o que alguém aprendeu na escola resulta que depois já não serve; conclusão, ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo passam como as modas das mulheres, todos esses são processos da mente, coisas que sucedem na superfície do entendimento, tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica se opõe outra disciplina, a qualquer processo psicológico logicamente estruturado, se opõe outro semelhante, e depois de tudo, o quê?

O Real, a Verdade, é o que nos interessa; mas isto não é questão do pêndulo, não se encontra entre o vaivém das teorias e crenças.

A Verdade é o desconhecido de instante em instante, de momento em momento.

A Verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita e tampouco na extrema esquerda.

Quando perguntaram a Jesus: o que é a Verdade?, guardou um profundo silêncio. E quando ao Buda lhe fizeram a mesma pergunta, ele deu as costas e se retirou.

A Verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem de prejuízos de extrema direita ou de extrema esquerda.

O conceito que a mente pode forjar sobre a Verdade, jamais é a Verdade. A idéia que o entendimento tenha sobre a Verdade, nunca é a Verdade. A opinião que tenhamos sobre a Verdade, por muito respeitável que ela seja, de modo algum é a Verdade.

Nem as correntes espiritualistas, nem seus oponentes materialistas, podem nos conduzir jamais à Verdade.

A Verdade é algo que deve ser experimentado de forma direta, como quando alguém mete o dedo no fogo e se queima, ou como quando alguém engole água e nos afogamos.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos, e é ali onde devemos descobrir e experimentar de forma direta o Real, a Verdade.

Necessitamos nos auto-explorar diretamente para nos autodescobrir e nos conhecer profundamente a si mesmos.

A experiência da Verdade só advém quando temos eliminado os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o “mim mesmo”.

Só eliminando o erro advém a Verdade. Só desintegrando o “eu mesmo”, meus erros, meus prejuízos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fofocações, estereótipos intelectuais e autossuficiências de toda espécie, advém a nós a experiência do real.

A Verdade nada tem a ver com o que se tenha dito ou deixado de dizer, com o que se tenha escrito ou deixado de escrever, ela somente advém a nós quando o “mim mesmo” esteja morto.

A mente não pode buscar a Verdade porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a Verdade porque jamais a tem conhecido. A Verdade advém a nós de forma espontânea quando tenhamos eliminado todos os elementos indesejáveis que constituem o “mim mesmo”, o “eu mesmo”.

Enquanto a consciência continue embotelhada entre o “eu mesmo”, não poderá experimentar isso que é o Real, isso que está além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a Verdade.

Quando o “mim mesmo” é reduzido a poeira cósmica, a consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar de forma direta a Verdade.

Com justa razão disse o Grande Kabir Jesus: “conhececi a Verdade e ela vos fará livres”.

De que serve ao homem conhecer cinquenta mil teorias se jamais tem experimentado a Verdade?

O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável, mas a qualquer sistema se opõe outro e nem um nem outro é a Verdade.

Mais vale nos auto explorarmos para nos autoconhecermos e experimentar um dia de forma direta, o real, a *verdade*.

*Capítulo 6*

## Conceito e realidade

Quem ou o quê pode garantir que o conceito e a realidade resultem absolutamente iguais?

O conceito é uma coisa e a realidade é outra, e existe a tendência a sobrestimar nossos próprios conceitos.

Realidade igual a conceito é algo quase impossível, no entanto, a pessoa hipnotizada por seu próprio conceito supõe sempre que este e a realidade são iguais.

A um processo psicológico qualquer, corretamente estruturado, mediante uma lógica exata, opõe-se outro diferente, fortemente formado com lógica similar ou superior; então, o quê?

Duas mentes severamente disciplinadas dentro de férreas estruturas intelectuais discutindo entre si, polemizando sobre tal ou qual realidade, creem cada uma na exatidão de seu próprio conceito e na falsidade do conceito alheio; mas qual delas tem a razão? Quem poderia honradamente dar garantias em um e outro caso? Em qual deles, conceito e realidade, resultam iguais?

Inquestionavelmente cada cabeça é um mundo e em todos e em cada um de nós existe uma espécie de dogmatismo pontifício e ditatorial que quer fazer-nos crer na igualdade absoluta de conceito e realidade.

Por mais fortes que sejam as estruturas de um raciocínio nada pode garantir a igualdade absoluta de conceitos e realidade.

Aqueles que estão auto-encerrados dentro de qualquer procedimento logístico intelectual querem fazer sempre coincidir a realidade dos fenômenos com os elaborados conceitos, e isto não é mais que o resultado da alucinação raciocinativa.

Abrir-se ao novo é a difícil facilidade do clássico; desgraçadamente as pessoas querem descobrir, ver em todo fenômeno natural seus próprios prejuízos, conceitos, preconceitos, opiniões e teorias; ninguém sabe ser receptivo, ver o novo com mente limpa e espontânea.

Que os fenômenos falem ao sábio seria o indicado; desafortunadamente os sábios destes tempos não sabem ver os fenômenos, só querem ver nos mesmos a confirmação de todos seus preconceitos. Ainda que pareça incrível, os cientistas modernos nada sabem sobre os fenômenos naturais.

Quando vemos nos fenômenos da natureza exclusivamente nossos próprios conceitos, certamente não estamos vendo os fenômenos, senão os conceitos.

Contudo, os tontos cientistas, alucinados por seu fascinante intelecto, crêem de forma estúpida que cada um de seus

conceitos é absolutamente igual a tal ou qual fenômeno observado, quando a realidade é diferente.

Não negamos que nossas afirmações sejam rechaçadas por todo aquele que esteja auto-encerrado por tal ou qual procedimento logístico. Inquestionavelmente a condição pontifícia e dogmática do intelecto de modo algum poderia aceitar que tal ou qual conceito corretamente elaborado não coincida exatamente com a realidade.

Tão logo a mente, através dos sentidos, observa tal ou qual fenômeno, apressa-se de imediato a rotulá-lo com tal ou qual termo cientificista que, inquestionavelmente, só vem a servir como remendo para tapar a própria ignorância.

A mente não sabe realmente ser receptiva ao novo, mas sim sabe inventar complicadíssimos termos com os quais pretende qualificar de forma auto-enganosa o que certamente ignora.

Falando desta vez em sentido Socrático, diremos que *“a mente não somente ignora, senão ademais ignora que ignora”*.

A mente moderna é terrivelmente superficial, tem se especializado em inventar termos feitos difícilíssimos para tapar sua própria ignorância.

Existem duas classes de ciência: a primeira não é mais que essa podridão de teorias subjetivas que abundam por aí. A segunda é a ciência pura dos grandes iluminados, a ciência objetiva do Ser.

Indubitavelmente não seria possível penetrar no anfiteatro da ciência cósmica, se antes não estiver morto em “si mesmo”.

Necessitamos desintegrar todos esses elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, e que em seu conjunto constituem o “si mesmo” o “eu” da Psicologia.

Enquanto a consciência superlativa do Ser continue embotelhada entre o “mim mesmo”, entre meus próprios conceitos e teorias subjetivas, resulta absolutamente impossível conhecer diretamente a crua realidade dos fenômenos naturais em si mesmo.

A chave do laboratório da natureza, a tem em sua mão direita o Anjo da Morte .

Muito pouco podemos aprender do fenômeno do nascimento, mas da morte podemos aprender tudo.

O templo inviolado da ciência pura se encontra no fundo da negra sepultura. Se o gérmen não morre a planta não nasce. Só com a morte advém o novo.

Quando o “ego” morre, a consciência desperta para ver a realidade de todos os fenômenos da natureza tal qual são em si mesmos e por si mesmos.

A consciência sabe aquilo que experimenta diretamente por si mesma, o cru realismo da vida mais além do corpo, dos afetos e da mente.

*Capítulo 7*

## A dialética da Consciência

No trabalho esotérico relacionado com a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, às vezes surge o fastio, o cansaço e o aborrecimento.

Inquestionavelmente, necessitamos voltar sempre ao ponto de partida original e revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que verdadeiramente anelamos uma mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável quando verdadeiramente se quer uma transformação interior completa.

Enquanto não amemos o trabalho psicológico conducente à mudança, a reavaliação dos princípios é algo mais que impossível.

Seria absurdo supor que pudéssemos nos interessar pelo trabalho se em realidade não temos chegado a amá-lo

Isso significa que o amor é inadiável quando em uma vez e outra vez tratamos de revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico.

Urge antes de tudo saber o que é isso que se chama *consciência*, pois são muitas as pessoas que nunca têm se interessado em saber nada sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente jamais ignoraria que um boxeador, ao cair nocauteado no ringue, perde a consciência.

É claro que ao voltar em si, o desventurado pugil adquire novamente a consciência.

Sequencialmente, qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a consciência.

Ao vir ao mundo todos temos na existência uns três por cento de consciência e uns noventa e sete por cento repartido entre subconsciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de consciência desperta podem ser acrescentadas à medida que trabalhemos sobre si mesmos.

Não é possível acrescentar consciência mediante procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos.

Indubitavelmente a consciência somente pode despertar a base de trabalhos conscientes e de padecimentos voluntários.

Existem vários tipos de energia dentro de nós mesmos que devemos compreender. Primeira: energia mecânica. Segunda: energia vital. Terceira: energia psíquica. Quarta: energia mental. Quinta: energia da vontade. Sexta: energia da consciência. Sétima: energia do espírito puro.

Por mais que multipliquemos a energia estritamente mecânica, jamais lograríamos despertar consciência.

Por mais que incrementássemos as forças vitais dentro de nosso organismo, jamais chegaríamos a despertar consciência.

Muitos processos psicológicos se realizam dentro de si mesmos, sem que por isso a consciência intervenha para nada.

Por maiores que sejam as disciplinas da mente, a energia mental nunca logrará despertar os diversos funcionalismos da consciência.

A força da vontade, ainda que fosse multiplicada até o infinito, não consegue despertar a consciência.

Todos estes tipos de energia se escalonam em distintos níveis e dimensões, que nada têm a ver com a consciência.

A consciência só pode ser despertada mediante trabalhos conscientes e retos esforços.

A pequena porcentagem de consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementada, costuma ser desperdiçada inutilmente na vida.

É óbvio que, ao nos identificarmos com todos os acontecimentos de nossa existência, desperdiçamos inutilmente a energia da consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme sem jamais nos identificarmos com nenhuma comédia, drama ou tragédia, assim economizaríamos energia conscientiva.

A consciência em si mesma é um tipo de energia com elevadíssima frequência vibratória.

Não há que confundir a consciência com a memória, pois são tão diferentes uma da outra, como o é a luz dos faróis do automóvel com relação à estrada por onde andamos.

Muitos atos se realizam dentro de nós mesmos sem participação alguma disso que se chama consciência.

Em nosso organismo sucedem muitos ajustes e reajustes, sem que por isso a consciência participe dos mesmos.

O centro motor do nosso corpo pode conduzir um automóvel ou dirigir os dedos que tocam no teclado de um piano sem a mais insignificante participação da consciência.

A consciência é a luz que o inconsciente não percebe.

O cego tampouco percebe a luz física solar, mas ela existe por si mesma.

Necessitamos abrir-nos para que a luz da consciência penetre nas trevas espantosas do “mim mesmo”, do “si mesmo”.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando no Evangelho diz: *“A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”*.

Mas seria impossível que a luz da consciência pudesse penetrar nas trevas do “eu mesmo” se previamente não usássemos o sentido maravilhoso da auto-observação psicológica.

Necessitamos franquear-lhe a passagem à luz para iluminar as profundezas tenebrosas do “eu” da psicologia.

Alguém jamais se auto-observaria se não tivesse interesse em mudar. Tal interesse só é possível quando alguém ama de verdade os ensinamentos esotéricos.

Agora nossos leitores compreenderão o motivo pelo qual aconselhamos revalorizar uma e outra vez as instruções concernentes ao trabalho sobre si mesmo.

A consciência desperta nos permite experimentar de forma direta a realidade.

Desafortunadamente, o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, fascinado pelo poder formulativo da lógica dialética, tem esquecido a Dialética da Consciência.

Inquestionavelmente o poder para formular conceitos lógicos resulta, no fundo, terrivelmente pobre.

Da tese podemos passar à antítese e mediante a discussão chegar à síntese, mas esta última em si mesma continua sendo um conceito intelectual que de modo algum pode coincidir com a realidade.

A Dialética da Consciência é mais direta, nos permite experimentar a realidade de qualquer fenômeno em si mesmo e por si mesmo.

Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente.

A vida se desenvolve de instante em instante, e quando a capturamos para analisá-la, a matamos.

Quando tentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato deixamos de perceber a realidade do fenômeno, e só vemos no mesmo o reflexo das teorias e conceitos rançosos que de modo algum têm a ver com o fato observado.

A alucinação intelectual é fascinante e queremos à força que todos os fenômenos da natureza coincidam com a nossa lógica dialética.

A Dialética da Consciência se fundamenta nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo.

Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos e se não as descobrimos em nosso interior, jamais as descobriremos fora de si mesmos.

O homem está contido no Universo e o Universo está contido no homem.

Real é aquilo que alguém mesmo experimenta em seu interior, só a consciência pode experimentar a realidade.

A linguagem da consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa e só os despertos a podem compreender.

Quem quiser despertar consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o ego, o “eu”, o “mim mesmo”, dentro dos quais se encontra embotelhada a essência.

*Capítulo 8*

## O jargão cientificista

A didática lógica resulta condicionada e qualificada também pelas proposições “em” e “acerca de” que jamais nos levam à experiência direta do real.

Os fenômenos da natureza distam muito de serem como os cientistas os veem.

Certamente, tão logo um fenômeno qualquer é descoberto, de imediato é qualificado ou rotulado com tal ou qual termo difícil do jargão científico.

Obviamente, esses difíceis termos do cientificismo moderno só servem de remendo para tapar a ignorância.

Os fenômenos naturais de modo algum são como os cientificistas os veem.

A vida, com todos os seus processos e fenômenos, se desenvolve de momento em momento, de instante em instante, e quando a mente cientificista a detém para analisá-la, de fato a mata.

Qualquer inferência extraída de um fenômeno natural qualquer, de nenhuma maneira é igual à realidade concre-

ta do fenômeno. Desgraçadamente, a mente do cientista, alucinada por suas próprias teorias, crê firmemente no realismo de suas inferências.

O intelecto alucinado não somente vê nos fenômenos o reflexo de seus próprios conceitos, senão também, e o que é pior, quer de forma ditatorial fazer com que os fenômenos resultem exatos e absolutamente iguais a todos esses conceitos que se levam no intelecto.

O fenômeno da alucinação intelectual é fascinante, nenhum desses tontos cientistas ultramodernos admitiria a realidade de sua própria alucinação.

Certamente, os sabichões destes tempos de modo algum admitiriam que se lhes qualificasse de alucinados.

A força da autossugestão lhes têm feito crer na realidade de todos esses conceitos do jargão cientificista.

Obviamente, a mente alucinada presume de consciente, e de forma ditatorial quer que todos os processos da natureza marchem pelos trilhos das sabichonices.

Nem bem tem aparecido um fenômeno novo, ele é classificado, rotulado e colocado em tal ou qual lugar, como se de verdade tivesse sido compreendido.

São milhares os termos que têm sido inventados para rotular fenômenos, mas nada sabem os pseudo-sapientes sobre a realidade deles.

Como exemplo vivido de tudo o que neste capítulo estamos afirmando, citaremos o corpo humano.

Em nome da verdade podemos afirmar de forma enfática que este corpo físico é absolutamente desconhecido para os cientistas modernos.

Uma afirmação desta classe poderia parecer muito insolente ante os pontífices do cientificismo moderno. Inquestionavelmente, merecemos deles a excomunhão.

No entanto, temos bases muito sólidas para fazer afirmação tão tremenda; desgraçadamente as mentes alucinadas estão tão convencidas de sua pseudo-sapiência, que nem remotamente poderiam aceitar o cru realismo de sua ignorância.

Se lhes disséssemos aos hierarcas do cientificismo moderno, que o Conde Cagliostro, interessantíssimo personagem dos séculos XVI, XVII, XVIII, ainda vive em pleno século XX; se lhes disséssemos que o insigne Paracelso, insigne facultativo da Idade Média, ainda existe todavia, podeis estar seguros de que os hierarcas do cientificismo atual iriam-se de nós e jamais aceitariam nossas afirmações.

No entanto é assim, vivem atualmente sobre a face da Terra os autênticos mutantes, homens imortais com corpos que datam de milhares e milhões de anos atrás.

O autor desta obra conhece os mutantes, entretanto não ignora o ceticismo moderno, a alucinação dos cientificistas e o estado da ignorância dos sabichões.

Por tudo isso, de modo algum cairíamos na ilusão de crer que os fanáticos do jargão cientificista aceitassem a realidade de nossas insólitas declarações.

O corpo de qualquer mutante é um franco desafio ao jargão científico destes tempos.

O corpo de qualquer mutante pode mudar de figura e retornar logo ao seu estado normal sem receber dano algum.

O corpo de qualquer mutante pode penetrar instantaneamente na quarta vertical e até assumir qualquer forma vegetal ou animal e retornar posteriormente ao seu estado normal sem receber prejuízo algum.

O corpo de qualquer mutante desafia violentamente os velhos textos de anatomia oficial.

Desgraçadamente, nenhuma destas declarações poderia convencer aos alucinados do jargão científicista.

Esses senhores, sentados sobre seus sólios pontifícios, inquestionavelmente nos olharão com desdém, talvez com ira, e possivelmente até com um pouco de piedade.

Entretanto, a verdade é o que é, e a realidade dos mutantes é um franco desafio a toda teoria ultramoderna.

O autor da obra conhece os mutantes, mas não espera que ninguém lhe creia.

Cada órgão do corpo humano é controlado por leis e forças que nem remotamente conhecem os alucinados do jargão científicista.

Os elementos da natureza são em si mesmos desconhecidos para a ciência oficial; as melhores fórmulas químicas estão incompletas:  $H^2O$ , dois átomos de Hidrogênio e um

de Oxigênio para formar água, resulta algo empírico.

Se tratamos de juntar num laboratório o átomo de Oxigênio com os dois de Hidrogênio, não resulta água nem nada, porque esta fórmula está incompleta, falta-lhe o elemento fogo. Só com este citado elemento se poderia criar água.

A intelecção, por mais brilhante que pareça, não pode nos conduzir jamais à experiência do real.

A classificação de substâncias e os termos difíceis com que se rotula às mesmas, só serve como remendo para tapar a ignorância.

Isso do intelecto querer que tal ou qual substância possua determinado nome e características, resulta absurdo e insuportável.

Por que o intelecto se presume de onisciente? Por que se alucina crendo que as substâncias e fenômenos são como ele crê que são? Por que a intelecção quer que a natureza seja uma réplica perfeita de todas suas teorias, conceitos, opiniões, dogmas, preconceitos, prejuízos?

Na realidade os fenômenos naturais não são como se crê que são, e as substâncias e forças da natureza de nenhuma maneira são como o intelecto pensa que são.

A consciência desperta não é a mente, nem a memória, nem nada semelhante. Somente a consciência liberada pode experimentar por si mesma e de forma direta a realidade da vida livre em seu movimento.

No entanto, devemos afirmar de forma enfática que, enquanto existe dentro de nós mesmos qualquer elemento subjetivo, a consciência continuará embotelhada em tal elemento, e portanto não poderá gozar da iluminação contínua e perfeita.

*Capítulo 9*

## O anticristo

O faiscante intelectualismo, como funcionalismo manifesto do “eu” psicológico, indubitavelmente é o Anticristo.

Aqueles que supõem que o Anticristo é um personagem estranho, nascido em tal ou qual lugar da Terra, ou vindo deste ou daquele país, estão certamente completamente equivocados.

Temos dito enfaticamente que o Anticristo não é de modo algum um sujeito definido, mas todos os sujeitos.

Obviamente, o Anticristo radica no fundo de cada pessoa e se expressa de forma múltipla.

O intelecto posto a serviço do espírito resulta útil; o intelecto divorciado do espírito torna-se inútil.

Do intelectualismo sem espiritualidade surgem os patifes, viva manifestação do Anticristo.

Obviamente, o patife em si mesmo e por si mesmo é o Anticristo. Desgraçadamente, o mundo atual com todas suas tragédias e misérias é governado pelo Anticristo.

O estado caótico em que se encontra a humanidade atual, indubitavelmente deve-se ao Anticristo.

O iníquo, do qual Paulo de Tarso falava em suas epístolas, é certamente um cru realismo nestes tempos.

O iníquo já veio e se manifesta por toda parte. Certamente tem o dom da ubiquidade.

Discute nos cafés, faz negociações na ONU, senta-se confortavelmente em Genebra, realiza experimentos de laboratório, inventa bombas atômicas, foguetes teleguiados, gases asfixiantes, bombas bacteriológicas, etc., etc., etc.

O Anticristo, fascinado por seu próprio intelectualismo, exclusividade absoluta dos sabichões, crê que conhece todos os fenômenos da natureza.

O Anticristo, crendo-se a si mesmo onisciente, embotelhado em toda a podridão de suas teorias, rechaça completamente tudo aquilo que se pareça a Deus ou que se adore.

A auto-suficiência do Anticristo, o orgulho e a soberba que possui, é algo insuportável.

O Anticristo odeia mortalmente as virtudes cristãs da fé, da paciência e da humildade.

Todo joelho se dobra diante do Anticristo. Obviamente este tem inventado aviões ultrassônicos, navios maravilhosos, automóveis reluzentes, medicamentos surpreendentes, etc.

Nestas condições, quem poderia duvidar do Anticristo?

Quem se atreve nestes tempos a se pronunciar contra todos estes milagres e prodígios do filho da perdição, condena-se a si mesmo ao escárnio de seus semelhantes, ao sarcasmo, à ironia, ao qualificativo de estúpido e ignorante.

Dá trabalho fazer estas pessoas sérias e estudiosas entender isto, elas próprias reagem, opõem resistência.

É claro que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é um robô programado através do jardim de infância, escolas primárias, secundárias, preparatórios, universidade, etc.

Ninguém pode negar que um robô programado funciona de acordo com o programa; de nenhuma maneira poderia funcionar se lhe fosse retirado do programa.

O Anticristo tem elaborado o programa com o qual se programam os robôs humanóides destes tempos decadentes.

Fazer estes esclarecimentos, pôr ênfase no que estou dizendo, é espantosamente difícil por estar fora do programa.

É tão grave esta questão e tão tremendos os embotelamentos da mente que, de modo algum, robô humanóide algum suspeitaria nem remotamente que o programa não serve, pois ele tem sido arranjado de acordo com o programa, e duvidar do mesmo lhe pareceria uma heresia, algo incongruente e absurdo.

Que um robô duvide de seu programa é um despropósito, algo absolutamente impossível pois sua mesmíssima existência se deve ao programa.

Desgraçadamente as coisas não são como pensa o robô humanóide; existe outra Ciência, outra Sabedoria, inaceitável para os robôs humanóides.

Reage o humanóide robô e tem razão em reagir, pois não tem sido programado para outra ciência, nem para outra cultura, nem para nada diferente do seu consabido programa.

O Anticristo tem elaborado os programas do robô humanóide; o robô prosterna-se humilde ante seu amo. Como poderia o robô duvidar da sapiência de seu amo?

A criança nasce inocente e pura; a essência expressando-se em cada criatura é preciosa de grande maneira.

Inquestionavelmente a natureza deposita nos cérebros dos recém-nascidos todos esses dados selvagens, naturais, silvestres, cósmicos, espontâneos, indispensáveis para a captura ou apreensão das verdades contidas em qualquer fenômeno natural perceptível para os sentidos.

Isto significa que a criança recém-nascida poderia descobrir por si mesma a realidade de cada fenômeno natural. Desgraçadamente, interfere o programa do Anticristo, e as qualidades maravilhosas que a natureza tem depositado no cérebro do recém-nascido logo são destruídas.

O Anticristo proíbe pensar de forma diferente; toda criatura que nasce, por ordem do Anticristo deve ser programada.

Não há dúvida de que o Anticristo odeia mortalmente aquele precioso sentido do Ser, conhecido como *“faculdade de percepção instintiva das verdades cósmicas”*.

A ciência pura é distinta de toda a podridão de teorias universitárias que existem por aqui, por ali e acolá, é algo inadmissível para os robôs do Anticristo.

Muitas guerras, fomes e doenças tem propagado o Anticristo por toda a Terra, e não há dúvida de que seguirá propagando-as antes que chegue a catástrofe final.

Desafortunadamente é chegada a hora da grande apostasia anunciada por todos os profetas e nenhum ser humano se atreveria a pronunciar-se contra o Anticristo.



*Capítulo 10*

## O “eu” psicológico

Esta questão do “mim mesmo”, o que eu sou, isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos auto-explorar para conhecer profundamente.

Existem por toda parte teorias muito lindas que atraem e fascinam; mas de nada serviria tudo isso se nós não nos conhecêssemos a si mesmos.

É fascinante estudar astronomia ou distrair-se um pouco lendo obras sérias. No entanto, é irônico converter-se em um erudito e não saber nada sobre si mesmo, sobre o eu sou, sobre a personalidade humana que possuímos.

Cada qual é muito livre de pensar o que quiser e a razão subjetiva do animal intelectual equivocadamente chamado homem dá para tudo, o mesmo pode fazer de uma pulga um cavalo, ou de um cavalo uma pulga; são muitos os intelectuais que vivem brincando com o racionalismo. E depois de tudo, o quê?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como a erva-daninha e não somente não sabem, mas além disso, nem sequer sabem que não sabem.

Entenda-se por ignorantes ilustrados os sabichões que crêem que sabem e nem sequer conhecem-se a si mesmos.

Poderíamos teorizar lindamente sobre o “eu” da Psicologia, mas não é isso precisamente o que nos interessa neste capítulo.

Necessitamos nos conhecer a si mesmos, pela via direta, sem o processo deprimente da opção.

De modo algum isso seria possível se não nos auto-observássemos em ação de instante em instante, de momento em momento.

Não se trata de nos vermos através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectual.

Vermo-nos diretamente tal qual somos é o interessante; só assim poderemos chegar ao conhecimento verdadeiro de si mesmos.

Ainda que que pareça nós estamos equivocados com respeito a si mesmos.

Muitas coisas que cremos não ter, temos, e muitas que cremos ter, não temos.

Nós temos formado falsos conceitos sobre si mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que na realidade não temos, e muitas virtudes que possuímos certamente as ignoramos.

Somos pessoas adormecidas, inconscientes e isso é o grave. Desafortunadamente pensamos de si mesmos o melhor e nem sequer suspeitamos que estamos adormecidos.

As Sagradas Escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para conseguir esse despertar.

O pior do caso é que são muitos os que têm lido as Sagradas Escrituras e nem sequer entendem que estão adormecidos.

Todo mundo crê que se conhece a si mesmo e nem remotamente suspeitam que existe a *Doutrina dos muitos*.

Realmente o “eu” psicológico de cada qual é múltiplo, devém sempre como muitos.

Com isto queremos dizer que temos muitos “eus” e não um só como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Negar a *Doutrina dos muitos* é fazer-se tolo a si mesmo, pois de fato seria o cúmulo dos cúmulos ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possui.

“Vou ler o jornal!”, diz o “eu” do intelecto; “ao diabo com tal leitura!”, exclama o “eu” do movimento; “prefiro ir dar um passeio de bicicleta!”; “passeio, de jeito nenhum! Eu quero pão quente!”, grita um terceiro em discórdia; “prefiro comer, estou com fome!...”

Se pudéssemos nos ver em um espelho de corpo inteiro, tal qual somos, descobriríamos por si mesmos de forma direta a *doutrina dos muitos*.

A personalidade humana é tão somente uma marionete controlada por fios invisíveis.

O “eu” que hoje jura amor eterno pela Gnosis, é mais tarde substituído por outro “eu” que nada tem a ver com o juramento; então o sujeito se retira.

O “eu” que hoje jura amor eterno a uma mulher é mais tarde substituído por outro que nada tem a ver com esse juramento, então o sujeito se enamora por outra e o castelo de cartas vai ao chão.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem é como uma casa cheia de muita gente.

Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos “eus”; todos eles brigam entre si e disputam a supremacia. Quando algum deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, se sente o único, o amo; mas ao fim é derrotado.

Considerando as coisas desde este ponto de vista, chegamos à conclusão lógica de que o mamífero intelectual não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral.

Inquestionavelmente, o que a máquina diga ou faça em um dado momento, depende exclusivamente do tipo de “eu” que nesses instantes a controle.

Dizem que Jesus de Nazaré tirou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete “eus”, viva personificação dos sete pecados capitais.

Obviamente cada um destes sete demônios é cabeça de legião. Portanto devemos estabelecer como corolário que o Cristo íntimo pôde expulsar do corpo da Madalena milhares de "eus".

Refletindo sobre todas estas coisas podemos inferir claramente que a única coisa digna que nós possuímos em nosso interior é a Essência. Desafortunadamente, a mesma se encontra enfrascada entre todos esses múltiplos "eus" da Psicologia Revolucionária.

É lamentável que a essência se processe sempre em virtude do seu próprio embotelhamento.

Inquestionavelmente a essência ou consciência, que é o mesmo, dorme profundamente.



*Capítulo 11*

## As trevas

Um dos problemas mais difíceis de nossa época, certamente vem a ser o intrincado labirinto das teorias.

Indubitavelmente, por estes tempos têm se multiplicado exorbitantemente por aqui, por ali e acolá as escolas pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

A mercadoria de almas, de livros e teorias é pavorosa, raro é aquele que entre a teia de aranha de tantas idéias contraditórias logre verdadeiramente encontrar o caminho secreto.

O mais grave de tudo isto é a fascinação intelectual; existe a tendência a nutrir-se estritamente de forma intelectual com tudo o que chega à mente.

Os vagabundos do intelecto já não se contentam com toda essa livraria subjetiva e de tipo geral que abunda nos mercados de livros, senão que agora e para cúmulo dos cúmulos, também enchem-se e indigestam-se com o pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato que abunda por toda a parte como a erva daninha.

O resultado de todos estes jargões é a confusão e desorientação manifesta dos patifes do intelecto.

Constantemente recebo cartas e livros de toda espécie; os remetentes como sempre me interrogando sobre esta ou aquela escola, sobre este ou qual livro, eu limito-me a contestar o seguinte: *“Deixe você a ociosidade mental. Não tem por que se importar com a vida alheia, desintegre o “eu” animal da curiosidade, a você não lhe devem importar as escolas alheias, torne-se sério, conheça-se a si mesmo, estude-se a si mesmo, observe-se a si mesmo, etc., etc., etc., etc.”*

Realmente o importante é conhecer-se a si mesmo profundamente em todos os níveis da mente.

As trevas são a inconsciência; a luz é a consciência; devemos permitir que a luz penetre em nossas trevas; obviamente a luz tem poder para vencer as trevas.

Desgraçadamente as pessoas se encontram auto-encerradas dentro do ambiente fétido e imundo de sua própria mente, adorando a seu querido “ego”.

As pessoas não querem se dar conta de que não são donos de sua própria vida; certamente, cada pessoa está controlada desde dentro por muitas outras pessoas. Quero referir-me de forma enfática a toda essa multiplicidade de “eus” que levamos dentro.

Ostensivamente, cada um desses “eus” põe em nossa mente o que devemos pensar, em nossa boca o que devemos dizer, no coração o que devemos sentir, etc.

Nestas condições, a personalidade humana não é mais que um robô governado por distintas pessoas que disputam a supremacia e que aspiram ao supremo controle dos centros capitais da máquina orgânica.

Em nome da verdade devemos afirmar solenemente que o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, ainda que se creia muito equilibrado vive num desequilíbrio psicológico completo.

O mamífero intelectual de modo algum é unilateral, se o fosse seria equilibrado.

O animal intelectual é desgraçadamente multilateral e isso é mostrado até a saciedade.

Como poderia ser equilibrado o humanóide racional? Para que exista equilíbrio perfeito se necessita a consciência desperta.

Só a luz da consciência dirigida, não desde os ângulos, senão de forma plena, central, sobre nós mesmos, pode acabar com os contrastes, com as contradições psicológicas e estabelecer em nós o verdadeiro equilíbrio interior.

Se dissolvermos todo esse conjunto de “eus” que em nosso interior levamos, vem o despertar da consciência e como sequência ou corolário o equilíbrio verdadeiro de nossa própria psique.

Desafortunadamente as pessoas não querem dar-se conta da inconsciência em que vivem; dormem profundamente.

Se as pessoas estivessem despertas, cada qual sentiria a seus próximos em si mesmos.

Se as pessoas estivessem despertas, nossos próximos nos sentiriam em seu interior.

Então obviamente as guerras não existiriam e a terra inteira seria na verdade um paraíso.

A luz da consciência, dando-nos verdadeiro equilíbrio psicológico, vem a estabelecer cada coisa em seu lugar, e o que antes entrava em conflito íntimo conosco, de fato fica em seu lugar adequado.

É tal a inconsciência das multidões que nem sequer são capazes de encontrar a relação existente entre luz e consciência.

Inquestionavelmente luz e consciência são dois aspectos do mesmo; onde há luz, há consciência.

A inconsciência é trevas e estas últimas existem em nosso interior.

Somente através da auto-observação psicológica permitimos que a luz penetre em nossas próprias trevas.

*“A luz veio às trevas mas as trevas não a compreenderam”.*

*Capítulo 12*

## **As três mentes**

Existem em toda parte muitos velhacos do intelecto sem orientação positiva, e envenenados pelo asqueroso ceticismo.

Certamente, o repugnante veneno do ceticismo contagiou às mentes humanas de forma alarmante desde o século XVIII.

Antes daquele século a famosa ilha Nontrabada ou Encoberta, situada frente às costas da Espanha, tornava-se visível e tangível constantemente.

Não há dúvida de que tal ilha se encontra localizada dentro da quarta vertical. Muitas são as anedotas relacionadas com essa ilha misteriosa.

Depois do século XVIII a citada ilha se perdeu na eternidade, ninguém sabe nada sobre a mesma.

Nas épocas do Rei Artur e dos Cavaleiros da mesa redonda, os elementais da natureza se manifestaram por toda parte, penetrando profundamente dentro de nossa atmosfera física.

São muitos os relatos sobre duendes, gênios e fadas que, todavia, abundam na verde Erim, Irlanda. Desafortunadamente, todas estas coisas inocentes, toda esta beleza da alma do mundo, já não é percebida pela humanidade devido às sabichonices dos velhacos do intelecto e ao desenvolvimento desmensurado do ego animal.

Hoje em dia os sabichões riem-se de todas estas coisas, não as aceitam ainda que, no fundo, nem remotamente, tenham conseguido a felicidade.

Se as pessoas entendessem que temos três mentes, outro galo cantaria. Possivelmente até se interessariam mais por estes estudos.

Desgraçadamente, os ignorantes ilustrados, metidos no beco de suas difíceis erudições, nem sequer têm tempo para se ocupar de nossos estudos seriamente.

Essas pobres pessoas são autossuficientes, se encontram convencidas com o vão intelectualismo, pensam que vão pelo caminho reto e nem remotamente supõem que se encontram metidas em um beco sem saída.

Em nome da verdade devemos dizer que em síntese, temos três mentes.

A primeira podemos e devemos chamar *Mente Sensual*, a segunda a batizaremos com o nome de *Mente Intermediária*. A terceira a chamaremos *Mente Interior*.

Vamos agora estudar cada uma destas três Mentes separadamente e de forma judiciosa.

Inquestionavelmente a Mente Sensual elabora seus conceitos de conteúdo mediante as percepções sensoriais externas. Nestas condições a Mente Sensual é terrivelmente grosseira e materialista, não pode aceitar nada que não tenha sido demonstrado fisicamente.

Como os conceitos de conteúdo da Mente Sensual têm por fundamento os dados sensoriais externos, indubitavelmente nada pode saber sobre o real, sobre a verdade, sobre os mistérios da vida e morte, sobre a alma e o espírito, etc.

Para os velhacos do intelecto, presos totalmente pelos sentidos externos e embotelhados entre os conceitos de conteúdo da Mente Sensual, nossos estudos esotéricos são loucura.

Dentro da razão da sem razão, no mundo do disparatado, eles têm razão devido a que estão condicionados pelo mundo sensorial externo. Como poderia a Mente Sensual aceitar algo que não seja sensual?

Se os dados dos sentidos servem de estímulo secreto para todos os funcionalismos da Mente Sensual, é óbvio que estes últimos têm que originar conceitos sensuais.

A Mente Intermediária é diferente; no entanto, tampouco sabe nada de forma direta sobre o real, se limita a crer e isso é tudo.

Na Mente Intermediária estão as crenças religiosas, os dogmas inquebrantáveis, etc.

A Mente Interior é fundamental para a experiência direta da verdade.

Indubitavelmente a Mente Interior elabora seus conceitos de conteúdo com os dados fornecidos pela consciência superlativa do Ser.

Inquestionavelmente, a consciência pode vivenciar e experimentar o real. Não há dúvida de que a consciência sabe de verdade.

No entanto, para a manifestação, a consciência necessita de um mediador, de um instrumento de ação e este em si mesmo é a Mente Interior.

A consciência conhece diretamente a realidade de cada fenômeno natural e mediante a Mente Interior pode manifestá-la.

Abrir a Mente Interior seria o indicado a fim de sair do mundo das dúvidas e da ignorância.

Isto significa que somente abrindo a Mente Interior nasce a fé autêntica no ser humano.

Olhando esta questão desde outro ângulo, diremos que o ceticismo materialista é a característica peculiar da ignorância. Não há dúvida de que os ignorantes ilustrados resultem cem por cento céticos.

A fé é percepção direta do real; sabedoria fundamental; vivência disso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente.

Distinga-se entre fé e crença. As crenças se encontram depositadas na Mente Intermediária; a fé é característica da Mente Interior.

Desafortunadamente, existe sempre a tendência geral a confundir a crença com a fé. Ainda que pareça um paradoxo, enfatizaremos o seguinte: *“o que tem fé verdadeira não necessita crer”*.

É que a fé autêntica é sapiência vívida, cognição exata, experiência direta.

Sucedem que durante muitos séculos se tem confundido a fé com crença e agora custa muito trabalho fazer as pessoas compreenderem que a fé é sabedoria verdadeira e nunca crenças vãs.

Os funcionalismos sábios da Mente Interior têm como molas íntimas todos esses dados formidáveis da sabedoria contida na consciência.

Quem tenha aberto a Mente Interior recorda suas vidas anteriores, conhece os mistérios da vida e da morte, não pelo que tenha lido ou deixado de ler, não pelo que outro tenha dito ou deixado de dizer, não pelo que tenha acreditado ou deixado de acreditar, senão pela experiência direta, vívida, terrivelmente real.

A Mente Sensual não gosta disto que estamos dizendo, não pode aceitá-lo porque sai de seus domínios, nada tem a ver com as percepções sensoriais externas, é algo alheio a seus conceitos de conteúdo, ao que lhe ensinaram na escola, ao que aprendeu em distintos livros, etc., etc., etc.

Isto que estamos dizendo tampouco é aceito pela Mente Intermediária, porque de fato contraria suas crenças, desvirtua o que seus preceptores religiosos lhe fizeram aprender de memória, etc.

Jesus, o Grande Kabir, adverte aos seus discípulos dizendo-lhes: *“Cuida-os da levedura dos saduceus e da levedura dos fariseus”*.

É ostensível que Jesus, o Cristo, com esta advertência, se referiu às doutrinas dos materialistas saduceus e dos hipócritas fariseus.

A doutrina dos saduceus está na Mente Sensorial, é a doutrina dos cinco sentidos.

A doutrina dos fariseus se encontra localizada na Mente Intermediária, isto é irrefutável, irrefutável.

É evidente que os fariseus concorrem a seus ritos para que se diga que são boas pessoas, para aparentar ante os demais, mas nunca trabalham sobre si mesmos.

Não seria possível abrir a Mente Interior se não aprendêssemos a pensar psicologicamente.

Inquestionavelmente quando alguém começa a observar a si mesmo é sinal de que tem começado a pensar psicologicamente.

Enquanto alguém não admita a realidade de sua própria psicologia e a possibilidade de mudá-la fundamentalmente, indubitavelmente não sente a necessidade da auto-observação psicológica.

Quando alguém aceita a *doutrina dos muitos* e a necessidade de eliminar os distintos “eus” que carrega em sua psique com o propósito de liberar a consciência, a essência, indubitavelmente de fato e por direito próprio inicia a auto-observação psicológica.

Obviamente a eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nossa psique origina a abertura da *Mente Interior*.

Tudo isto significa que a citada abertura é algo que se realiza de forma gradativa, à medida que vamos aniquilando elementos indesejáveis que levamos em nossa psique.

Quem tenha eliminado os elementos indesejáveis em seu interior em cem por cento, obviamente também haverá aberto sua *Mente Interior* em cem por cento.

Uma pessoa assim possuirá a fé absoluta. Agora compreenderéis as palavras do Cristo quando disse: *“Se tivésseis fé como um grão de mostarda moverias montanhas”*.



*Capítulo 13*

## **Memória-trabalho**

Inquestionavelmente cada pessoa tem sua própria psicologia particular; isto é irrefutável, incontrovertível, irrefutável.

Desafortunadamente, as pessoas nunca pensam nisto e muitos nem o aceitam devido a que se encontram presos na mente sensorial.

Qualquer um admite a realidade do corpo físico porque o pode ver e palpar, porém a Psicologia é questão distinta; não é perceptível para os cinco sentidos e por isso a tendência geral a rechaçá-la ou simplesmente a subestimá-la e depreciá-la qualificando-a de algo sem importância.

Indubitavelmente quando alguém começa a se auto-observar é sinal inequívoco de que tem aceitado a tremenda realidade de sua própria psicologia.

É claro que ninguém tentaria se auto-observar se não encontrasse antes um motivo fundamental.

Obviamente quem inicia a auto-observação se converte em um sujeito muito diferente aos demais; de fato indica a possibilidade de uma mudança.

Desafortunadamente, as pessoas não querem mudar, se contentam com o estado em que vivem.

Causa dor ver como as pessoas nascem, crescem, se reproduzem como bestas, sofrem o indizível e morrem sem saber por quê.

Mudar é algo fundamental, mas isso é impossível se não se inicia a auto-observação psicológica.

É necessário começar a ver-se a si mesmo com o propósito de nos autoconhecermos, pois na verdade o humanoíde racional não se conhece a si mesmo.

Quando alguém descobre um defeito psicológico, de fato tem dado um grande passo, porque isto lhe permitirá estudá-lo e até eliminá-lo radicalmente.

Na verdade, nossos defeitos psicológicos são inumeráveis; ainda que tivéssemos mil línguas para falar e paladar de aço, não alcançaríamos enumerar a todos cabalmente.

O grave de tudo isto é que não sabemos medir o espantoso realismo de qualquer defeito; sempre lhe olhamos de forma vã, sem colocar nele a devida atenção; o vemos como algo sem importância.

Quando aceitamos a *Doutrina dos muitos* e entendemos o cru realismo dos sete demônios que Jesus o Cristo tirou do corpo de Maria Madalena, ostensivelmente nosso modo de pensar a respeito dos defeitos psicológicos, sofre uma mudança fundamental.

Não é demais afirmar de forma enfática que a *Doutrina dos muitos* é de origem Tibetana e Gnóstica em cem por cento.

É verdade que não é nada agradável saber que dentro de nossa pessoa vivem centenas e milhares de pessoas psicológicas.

Cada defeito psicológico é uma pessoa diferente existindo dentro de nós mesmos aqui e agora.

Os sete demônios que o grande Mestre Jesus o Cristo expulsou do corpo de Maria Madalena são os setes pecados capitais: Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula.

Naturalmente cada um destes demônios separado é cabeça de legião.

No velho Egito dos Faraós, o iniciado devia eliminar de sua natureza interior aos “demônios vermelhos de Seth” se é que quisesse lograr o despertar da consciência.

Visto o realismo dos defeitos psicológicos, o aspirante deseja mudar, não quer continuar no estado em que vive com tanta gente metida dentro de sua psique, e então inicia a auto-observação.

À medida que nós progredimos no trabalho interior podemos verificar por si mesmos um ordenamento muito interessante no sistema de eliminação.

Alguém se assombra quando descobre ordem no trabalho relacionado com a eliminação dos múltiplos agregados psíquicos que personificam nossos erros.

O interessante de tudo isto é que tal ordem na eliminação de defeitos se realiza de forma gradativa e se processa de acordo com a Dialética da Consciência.

Nunca, jamais, poderia a dialética raciocinativa superar o formidável trabalho da dialética da consciência.

Os fatos nos vão demonstrando que o ordenamento psicológico no trabalho de eliminação de defeitos é estabelecido por nosso próprio Ser interior profundo.

Devemos esclarecer que existe uma diferença radical entre o ego e o Ser. O “eu” jamais poderia estabelecer ordem em questões psicológicas, pois em si mesmo é o resultado da desordem.

Somente o Ser tem poder para estabelecer a ordem em nossa psique. O Ser é o Ser. A razão de ser do Ser é o próprio Ser.

O ordenamento no trabalho de auto-observação, julgamento e eliminação de nossos agregados psíquicos, vai sendo evidenciado pelo sentido judicioso da auto-observação psicológica.

Em todos os seres humanos se encontra o sentido da auto-observação psicológica em estado latente; mas se desenvolve de forma gradativa, à medida que vamos usando-o.

Tal sentido nos permite perceber diretamente e não mediante simples associações intelectuais, os diversos “eus” que vivem dentro de nossa psique.

Esta questão das extra-percepções sensoriais começa a ser estudada no terreno da Parapsicologia, e de fato tem sido demonstrada em múltiplos experimentos que se tem realizado judiciosamente através do tempo e sobre os quais existe muita documentação.

Aqueles que negam a realidade das extra-percepções sensoriais são ignorantes em cem por cento, velhacos do intelecto embotelhados na Mente Sensorial.

No entanto, o sentido da auto-observação psicológica é algo mais profundo, vai muito mais além dos simples enunciados parapsicológicos, nos permite a auto-observação íntima e a plena verificação do tremendo realismo subjetivo de nossos diversos agregados.

O ordenamento sucessivo das diversas partes do trabalho relacionadas com este tema tão grave, da eliminação de agregados psíquicos, nos permite inferir uma *memória trabalho* muito interessante e até muito útil na questão do desenvolvimento interior.

Esta *memória trabalho*, embora seja certo que pode nos dar distintas fotografias psicológicas das diversas etapas da vida passada, juntas em sua totalidade, trariam a nossa imaginação uma estampa vívida e até repugnante do que fomos antes de iniciar o trabalho psico-transformista radical.

Não há dúvida de que jamais desejaríamos regressar a essa horrorosa figura, viva representação do que fomos.

Desde este ponto, tal fotografia resultaria útil como meio de confrontação entre um presente transformado e um passado regressivo, ranço, torpe e desgraçado.

A *memória trabalho* se escreve sempre a base de sucessivos eventos psicológicos registrados pelo centro de auto-observação psicológica.

Existem em nossa psique elementos indesejáveis que nem remotamente suspeitamos.

Que um homem honrado, incapaz de tomar jamais nada alheio, honorável e digno de toda honra, descubra de forma insólita uma série de “eus” ladrões habitando nas zonas mais profundas de sua própria psique, é algo espantoso, mas não impossível.

Que uma magnífica esposa cheia de grandes virtudes ou uma donzela de primorosa espiritualidade e educação magnífica, mediante o sentido da auto-observação psicológica descobre de forma inusitada que em sua psique íntima vive um grupo de “eus” prostitutas, resulta nauseante e até inaceitável para o centro intelectual ou o sentido moral de qualquer cidadão judicioso; mas tudo isso é possível dentro do terreno exato da auto-observação psicológica.

*Capítulo 14*

## Compreensão criadora

O Ser e o Saber devem se equilibrar mutuamente a fim de estabelecer em nossa psique a labareda da compreensão.

Quando o Saber é maior que o Ser origina confusão intelectual de toda espécie.

Se o Ser é maior que o Saber pode originar casos tão graves como o do santo estúpido.

No terreno da vida prática convém nos auto-observarmos com o propósito de nos autodescobrirmos.

É precisamente a vida prática o ginásio psicológico mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta percepção, alerta novidade, poderemos verificar diretamente que os defeitos escondidos afloram espontaneamente.

É claro que o defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente com o propósito de separá-lo de nossa psique.

Antes de tudo, não devemos identificarmo-nos com nenhum “eu defeito”, se é que, em realidade, desejamos eliminá-lo.

Se parados sobre uma tábua desejamos levanta-la para colocá-la encostada a uma parede, isto não seria possível se continuássemos parados sobre ela.

Obviamente, devemos começar por separar à tábua de si mesmos, retirando-nos da mesma, e logo, com nossas mãos, levantar a tábua e colocá-la encostada ao muro.

Similarmente não devemos identificarmo-nos com nenhum agregado psíquico, se é que de verdade desejamos separá-lo de nossa psique.

Quando alguém se identifica com tal ou qual “eu”, de fato o fortifica em vez de desintegrá-lo.

Suponhamos que um “eu” qualquer de luxúria se apropria dos rolos que temos no centro intelectual para projetar na tela da mente cenas de lascívia e morbosidade sexual; se nos identificamos com tais quadros passionais indubitavelmente aquele “eu” luxurioso se fortificará tremendamente.

Mas se nós, em vez de identificarmo-nos com essa entidade, a separamos de nossa psique considerando-a como um demônio intruso, obviamente haverá surgido em nossa intimidade a compreensão criadora.

Posteriormente poderíamos dar-nos o luxo de julgar analiticamente tal agregado com o propósito de fazermo-nos plenamente conscientes do mesmo.

O grave das pessoas consiste precisamente na identificação e isto é lamentável.

Se as pessoas conhecessem a *Doutrina dos muitos*, se de verdade entendessem que nem sua própria vida lhes pertence, então não cometeriam o erro da identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes, etc., no terreno da vida prática resultam úteis quando encontramos-nos em constante auto-observação psicológica.

Então comprovamos que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Inquestionavelmente, múltiplos “eus” intervêm como intrusos de mau agouro para colocar em nossa mente pensamentos e em nosso coração emoções e em nosso centro motor ações de qualquer classe.

É lamentável que não sejamos donos de si mesmos, que diversas entidades psicológicas façam de nós o que lhes dá vontade.

Desafortunadamente, nem remotamente suspeitamos o que nos sucede e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis.

O pior de tudo isto é que em vez de lutar para nos independentizar de todos estes pequenos tiranos secretos cometemos o erro de vigorizá-los e isto sucede quando nos identificamos.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer discussão tonta entre cônjuges, deve-se indubitavelmente

a tal ou qual “eu”, e isto é algo que jamais devemos ignorar.

A vida prática é o espelho psicológico onde podemos ver-nos a si mesmos tal qual somos.

Mas antes de tudo devemos compreender a necessidade de ver-nos a si mesmos, a necessidade de mudar radicalmente, somente assim teremos vontade de observar-nos realmente.

Quem se contenta com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, não sentirá nunca o desejo de ver-se a si mesmo, se quererá demasiado e de modo algum estará disposto a revisar sua conduta e seu modo de ser.

De forma clara diremos que em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática intervêm vários “eus” que é necessário compreender.

Em qualquer cena de ciúmes passionários entram em jogo “eus” de luxúria, ira, amor próprio, ciúmes, etc., etc., etc., que posteriormente deverão ser julgados analiticamente, cada um separadamente, a fim de compreendê-los integralmente com o evidente propósito de desintegrá-los totalmente.

A compreensão resulta muito elástica, por isso necessitamos aprofundar cada vez mais intensamente; o que hoje compreendemos de um modo amanhã o compreenderemos melhor.

Olhando as coisas desde este ângulo, podemos verificar por si mesmos quão úteis são as diversas circunstâncias

da vida quando de verdade as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum trataríamos jamais de afirmar que os dramas, comédias e tragédias da vida prática resultam sempre formosos e perfeitos, tal afirmação seria disparatada.

No entanto, por absurdas que sejam as diversas situações da existência, resultam maravilhosas como ginásio psicológico.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos que constituem o mim mesmo, resulta espantosamente difícil.

Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos, se esconde o delito.

O delito as vezes se torna tão refinado que se confunde com a santidade, e tão cruel que chega a parecer à doçura.

O delito se veste com a toga do Juíz, com a túnica do Mestre, com a roupagem do mendigo, com o traje do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental, mas no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte.

Resulta urgente, inadiável, fazermo-nos conscientes de cada “eu” para separá-lo de nossa Psique, mas isso não é tudo, falta algo mais (veja-se o capítulo dezesseis).



Capítulo 15

## A Kundalini

Temos chegado a um ponto muito espinhoso, quero me referir à esta questão da Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, citada em muitos textos da sabedoria oriental.

Indubitavelmente sobre a Kundalini há muita documentação e é algo que vale bem a pena investigar.

Nos textos de Alquimia Medieval, a Kundalini é a assinatura astral do esperma sagrado, “*Stella Maris*”, a “*Virgem do Mar*”, quem guia sabiamente aos trabalhadores da Grande Obra.

Entre os astecas ela é “*Tonantzin*”, entre os gregos a “*Casta Diana*”, e no Egito é “*Ísis*”, a “*Mãe Divina*” a quem nenhum mortal tem levantado o véu.

Não há dúvida alguma de que o Cristianismo Esotérico jamais deixou de adorar à Divina Mãe Kundalini; obviamente é “*Marah*”, ou melhor disséssemos “*Ram-Io*”, “*Maria*”.

O que as religiões ortodoxas não especificaram, pelo menos no que se refere ao círculo exotérico ou público, é o aspecto da “Ísis” em sua forma individual humana.

Ostensivelmente, somente em segredo se ensinou aos iniciados que essa Divina Mãe existe individualmente dentro de cada ser humano.

Não é demais aclarar de forma enfática que Deus-Mãe, “Réa”, “Cibele”, “Adonia” ou como queiramos chamar-lhe, é uma variante de nosso próprio Ser individual aqui e agora.

Concretizando diremos que cada um de nós tem sua própria Mãe Divina particular, individual.

Há tantas Mães no céu quantas criaturas existentes sobre a face da terra.

A Kundalini é a energia misteriosa que faz o mundo existir, um aspecto de Brahama.

Em seu aspecto psicológico manifesto na anatomia oculta do ser humano, a Kundalini se encontra enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético localizado no osso coccígeo.

Ali descansa a Divina Princesa entumecida como qualquer serpente.

No centro daquele Chakra ou estância existe um triângulo fêmea ou Yoni onde está estabelecido um Lingam macho.

Neste Lingam atômico ou mágico que representa o poder criador sexual de Brahama, se enrosca a sublime serpente Kundalini.

A rainha ígnea em sua figura de serpente, desperta com o *secretum secretorum* de certo artifício alquimista que tenho ensinado claramente em minha obra intitulada: *O Mistério do Áureo Florescer*.

Inquestionavelmente, quando esta divina força desperta, ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal para desenvolver em nós os poderes que divinizam.

Em seu aspecto transcendental divinal, subliminal, a serpente sagrada transcendendo ao meramente fisiológico, anatômico, em seu estado étnico, é como já disse nosso próprio Ser, porém derivado.

Não é meu propósito ensinar neste tratado a técnica para o despertar da serpente sagrada.

Só quero colocar certa ênfase ao cru realismo do ego e a urgência interior relacionada com a dissolução de seus diversos elementos inumanos.

A mente por si mesma não pode alterar radicalmente nenhum defeito psicológico.

A mente pode rotular qualquer defeito, passá-lo de um nível a outro, escondê-lo de si mesma ou dos demais, desculpá-lo, etc., mas nunca eliminá-lo absolutamente.

Compreensão é uma parte fundamental, mas não é tudo; necessita-se eliminar.

Defeito observado deve ser analisado e compreendido de forma íntegra antes de proceder a sua eliminação.

Necessitamos de um poder superior à mente, de um poder capaz de desintegrar atomicamente qualquer “eu defeito” que previamente tenhamos descoberto e julgado profundamente.

Afortunadamente tal poder subjaz profundamente mais além do corpo, dos afetos e da mente, ainda que tenha seus expoentes concretos no osso do centro coccígeo, como já o explicamos nos parágrafos anteriores do presente capítulo.

Depois de haver compreendido integralmente qualquer “eu defeito”, devemos submergir-nos em meditação profunda, suplicando, orando, pedindo à nossa Divina Mãe particular individual que desintegre o “eu defeito” previamente compreendido.

Esta é a técnica precisa que se requer para a eliminação dos elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

A Divina Mãe Kundalini tem poder para reduzir a cinzas qualquer agregado psíquico subjetivo, inumano.

Sem esta didática, sem este procedimento, todo esforço para a dissolução do ego resulta infrutuoso, inútil, absurdo.

*Capítulo 16*

## **Normas intelectuais**

No terreno da vida prática cada pessoa tem seu critério, sua forma mais ou menos rançosa de pensar, e nunca se abre ao novo; isto é irrefutável, irrefutável, incontestável.

A mente do humanóide intelectual está degenerada, deteriorada, em franco estado de involução.

Realmente o entendimento da humanidade atual é similar a uma velha estrutura mecânica inerte e absurda, incapaz por si mesma de qualquer fenômeno de elasticidade autêntica.

Falta ductibilidade na mente; encontra-se enfrascada em múltiplas normas rígidas e extemporâneas.

Cada qual tem seu critério e certas normas rígidas, dentro das quais aciona e reage incessantemente.

O mais grave de toda esta questão é que os milhões de critérios equivalem a milhões de normas putrefatas e absurdas.

Em todo caso as pessoas nunca se sentem equivocadas, cada cabeça é um mundo e não há dúvida que entre tantos

reôncavos mentais existem muitos sofismas de distração e estupidezes insuportáveis.

Mas o critério estreito das multidões nem remotamente suspeita do embotelamento intelectual em que se encontra.

Estas pessoas modernas com cérebro de barata pensam de si mesmas o melhor, presumem-se de liberais, de super-gênios, creem que tem muito critério amplo.

Os ignorantes ilustrados resultam serem os mais difíceis, pois na realidade, falando desta vez em sentido socrático diremos: *“não somente não sabem, senão que ademais ignoram que não sabem”*.

Os velhacos do intelecto aferrados a essas normas antiquadas do passado se processam violentamente em virtude de seu próprio embotelamento e se negam de forma enfática a aceitar algo que de modo algum pode encaixar dentro de suas normas de aço.

Pensam os sabichões ilustrados que tudo aquilo que por uma ou outra causa saia do caminho rígido de seus procedimentos oxidados é absurdo em cem por cento.

Assim, deste modo, essas pobres pessoas de critério tão difícil se auto-enganam miseravelmente.

Os pseudossábios desta época presumem-se de geniais, veem com desdém aqueles que têm valor para apartar-se de suas normas carcomidas pelo tempo. O pior de tudo é que nem remotamente suspeitam a crua realidade de sua própria torpeza.

A mesquinhez intelectual das mentes rançosas é tal que até se dá o luxo de exigir demonstrações sobre isso que é o real, sobre isso que não é da mente.

Não querem entender as pessoas de entendimento raquítico e intolerante que a experiência do real somente advém na ausência do ego.

Inquestionavelmente, de modo algum seria possível reconhecer diretamente os mistérios da Vida e da Morte enquanto não se tenha aberto dentro de nós mesmos a Mente Interior.

Não está demais repetir neste capítulo que somente a consciência superlativa do Ser pode conhecer a verdade.

A Mente Interior só pode funcionar com os dados que fornece a Consciência Cósmica do Ser.

O intelecto subjetivo, com sua dialética raciocinativa, nada pode saber sobre isso que escapa da sua jurisdição.

Já sabemos que os conceitos de conteúdo da dialética raciocinativa se elaboram com os dados fornecidos pelos sentidos da percepção externa.

Aqueles que se encontram embotelhados dentro de seus procedimentos intelectuais e normas fixas, apresentam sempre resistência a estas ideias revolucionárias.

Somente dissolvendo o ego, de forma radical e definitiva, é possível despertar a consciência e abrir realmente a Mente Interior.

No entanto, como queira que estas declarações revolucionárias não cabem dentro da lógica formal, nem tampouco dentro da lógica dialética, a reação subjetiva das mentes involucionantes opõe resistência violenta.

Essas pobres pessoas de intelecto querem colocar o oceano dentro de um vaso de cristal, supõem que a universidade pode controlar toda a sabedoria do universo e que todas as leis do cosmos estão obrigadas a submeter-se a suas velhas normas acadêmicas.

Nem remotamente suspeitam esses intonsos, modelos de sabedoria, o estado degenerativo em que se encontram.

As vezes ressaltam tais pessoas por um momento quando vêm ao mundo esoterista, mas logo se apagam como fogos fátuos, desaparecem do panorama das inquietudes espirituais, o intelecto os traga e desaparecem de cena para sempre.

A superficialidade do intelecto nunca pode penetrar no fundo legítimo do Ser, porém os processos subjetivos do racionalismo podem levar aos néscios a qualquer classe de conclusões muito brilhantes porém absurdas.

O poder formulativo de conceitos lógicos de modo algum implica a experiência do real.

O jogo convincente da dialética raciocinativa, auto-fascina ao raciocinador fazendo-lhe confundir sempre gato com lebre.

A brilhante procissão de ideias ofusca ao velhaco do intelecto e lhe dá certa auto-suficiência tão absurda como para

rechaçar tudo isso que não cheira pó de bibliotecas e tinta de universidade.

O “*delirium tremens*” dos bêbados alcoólicos tem sintomas inconfundíveis, mas o dos ébrios das teorias se confunde facilmente com a genialidade.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, diremos que certamente resulta muito difícil saber onde termina o intelectualismo dos velhacos e onde começa a loucura.

Enquanto continuemos embotelhados dentro das normas podres e rançosas do intelecto, será algo mais que impossível a experiência disso que não é da mente, disso que não é do tempo, disso que é o real.



Capítulo 17

## A faca da Consciência

Alguns psicólogos simbolizam a consciência como uma faca muito capaz de nos separar do que está colado em nós e nos extrai a força.

Creem tais psicólogos que a única maneira de escapar ao poder de tal ou qual “eu” é observá-lo cada vez com mais clareza com o propósito de compreendê-lo para nos tornarmos conscientes do mesmo.

Essas pessoas pensam que assim alguém se separa eventualmente deste ou daquele “eu”, ainda que seja pela grossura do fio de uma navalha.

Desta maneira, dizem: *o “eu” separado pela consciência, parece como uma planta cortada.*

Tornar-se consciente de qualquer “eu”, segundo eles, significa separá-lo de nossa psique e condená-lo a morte.

Inquestionavelmente tal conceito, aparentemente muito convincente, falha na prática.

O “eu” que mediante a navalha da consciência tenha sido cortado de nossa personalidade, expulso de casa como

uma ovelha negra, continua no espaço psicológico, se converte em demônio tentador, insiste em regressar a casa, não se resigna facilmente, de nenhuma maneira quer comer o pão amargo do desterro, busca uma oportunidade e ao menor descuido da guarda acomoda-se novamente dentro de nossa psique.

O mais grave é que dentro do “eu” desterrado encontra-se sempre embotelhada certa porcentagem de essência, de consciência.

Todos esses psicólogos que pensam assim, jamais têm logrado dissolver nenhum de seus “eus”, na realidade têm fracassado.

Por mais que se tente evadir essa questão da *Kundalini*, o problema é muito grave.

Na realidade o “filho ingrato” não progride jamais no trabalho esotérico sobre si mesmo.

Obviamente é um “filho ingrato” todo aquele que despreza a “Ísis”, nossa Divina Mãe Cósmica, particular, individual.

Ísis é uma das partes autônomas de nosso próprio Ser, mas derivada, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, o Kundalini.

Ostensivelmente somente “Ísis” tem poder absoluto para desintegrar a qualquer “eu”; isto é irrefutável, irrefutável, incontrovertível.

Kundalini é uma palavra composta: “*Kunda*” vem nos recordar ao abominável órgão Kundartiguador; “*Lini*” é um

termo Atlante que significa “Fim”.

“Kundalini” quer dizer: “*Fim do abominável órgão Kundartiguador*”. É, pois, urgente não confundir ao “Kundalini” com o “Kundartiguador”.

Já dissemos em um capítulo passado que a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes se encontra enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético localizado no osso Coccígeo, base da espinha dorsal.

Quando a Serpente sobe, é a Kundalini, quando baixa, é o abominável órgão Kundartiguador.

Mediante o “Tantrismo Branco” a serpente ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal, despertando os poderes que divinizam.

Mediante o “Tantrismo Negro” a serpente se precipita desde o cóccix até os infernos atômicos do homem. Assim é como muitos se convertem em demônios terrivelmente perversos.

Aqueles que cometem o erro de atribuir-lhe à serpente ascendente todas as características esquerdas e tenebrosas da serpente descendente, fracassam definitivamente no trabalho sobre si mesmo.

As más conseqüências do “abominável órgão Kundartiguador”, só podem ser aniquiladas com o “Kundalini”.

Não é demais aclarar que tais más conseqüências estão cristalizadas no “eu pluralizado” da psicologia revolucionária.

O poder hipnótico da Serpente descendente tem à humanidade submergida na inconsciência.

Somente a Serpente ascendente, por oposição, pode nos despertar; esta verdade é um axioma da Sabedoria Hermética.

Agora compreenderemos melhor a profunda significância da palavra sagrada “Kundalini”.

A Vontade consciente está sempre representada pela mulher sagrada, Maria, Ísis, que esmaga a cabeça da Serpente descendente.

Declaro aqui francamente e sem rodeios que a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra, tem sido figurada pela serpente com cabeça de touro, de bode, ou de cão nos Antigos Mistérios.

É a dupla Serpente do Caduceu de Mercúrio; é a Serpente tentadora do Éden; mas é também sem a menor dúvida, a Serpente de Cobre de Moisés entrelaçada no “Tau”, ou seja, no “Lingam Gerador”.

É o “Bode” do Sabbat e do Baphomet dos Templários Gnósticos; o “Hyle” do Gnosticismo Universal; a dupla cauda da serpente que forma as patas do Galo Solar dos Abraxas.

No “Lingam negro” embutido no “Yoni” metálico, símbolos do Deus Shiva, a divindade hindu, está a chave secreta para despertar e desenvolver a Serpente ascendente ou Kundalini, sob a condição de não derramar jamais na vida

o “Vaso de Hermes Trimegisto”, o Três vezes grande Deus “Ibis de Thot”.

Temos falado entre linhas para aqueles que saibam entender. Quem tenha entendimento que entenda, porque aqui há sabedoria.

Os Tântricos negros são diferentes, eles despertam e desenvolvem o abominável órgão Kundartiguador, a Serpente tentadora do Éden, quando cometem em seus ritos o crime imperdoável de derramar o “Vinho Sagrado”.



*Capítulo 18*

## O país psicológico

Inquestionavelmente, assim como existe o país exterior no qual vivemos, assim também em nossa intimidade existe o país psicológico.

As pessoas não ignoram jamais a cidade ou a comarca onde vivem. Desafortunadamente sucede que desconhecem o lugar psicológico onde se encontram localizadas.

Em um dado instante, qualquer um sabe em que bairro ou colônia se encontra, mas no terreno psicológico não sucede o mesmo, normalmente as pessoas nem remotamente suspeitam em um dado momento o lugar de seu país psicológico onde se meteram.

Assim como no mundo físico existem colônias de pessoas descentes e cultas, assim também sucede na comarca psicológica de cada um de nós; não há dúvida de que existem colônias muito elegantes e formosas.

Assim como no mundo físico há colônias ou bairros com becos perigosíssimos, cheios de assaltantes, assim também sucede o mesmo na comarca psicológica de nosso interior.

Tudo depende da classe de gente que nos acompanhe; se temos amigos bêbados iremos parar no bar, e se estes últimos são calaveiras, indubitavelmente nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro de nosso país psicológico cada qual tem seus acompanhantes, seus “eus”, estes levarão a alguém onde devem levá-lo de acordo com as suas características psicológicas.

Uma dama virtuosa e honrável, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo em uma formosa mansão no mundo físico, devido a seus “eus” luxuriosos poderia estar localizada em antros de prostituição dentro de seu país psicológico.

Um cavalheiro honrável, de honradez inquestionável, magnífico cidadão, poderia dentro de sua comarca psicológica encontrar-se localizado em uma cova de ladrões, devido a seus péssimos acompanhantes, “eus” do roubo, muito submergidos dentro do inconsciente.

Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge assim, vivendo austero dentro de sua cela, em algum mosteiro, poderia psicologicamente encontrar-se localizado em uma colônia de assassinos, pistoleiros, assaltantes, drogados, devido precisamente a “eus” infraconscientes ou inconscientes, submergidos profundamente dentro dos rênscavos mais difíceis de sua psique.

Por alguma razão nos foi dito que há muita virtude nos malvados e que há muita maldade nos virtuosos.

Muitos santos canonizados ainda vivem todavia dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isto que estamos afirmando de forma enfática poderia escandalizar aos pudicos, aos pietistas, aos ignorantes ilustrados, aos “modelos de sabedoria”, mas jamais aos verdadeiros psicólogos.

Ainda que pareça incrível, entre o incenso da oração também se esconde o delito, entre as cadências do verso também se esconde o delito, sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos o delito se reveste com a túnica da santidade e da palavra sublime.

Nos fundos profundos dos santos mais veneráveis, vivem os “eus” do prostíbulo, do roubo, do homicídio, etc.

Acompanhantes infra-humanos escondidos entre as insondáveis profundezas do inconsciente.

Os diversos santos da história muito sofreram por tal motivo; recordemos as tentações de Santo Antônio; todas aquelas abominações contra as que teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

No entanto, nem tudo esses santos disseram, e a maior parte dos anacoretas calaram.

Alguém se assombra ao pensar que alguns anacoretas penitentes e santíssimos vivam nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo.

No entanto são santos, e se todavia não têm descoberto essas coisas espantosas de sua psique, quando as descobram usarão cilícios sobre sua carne, jejuarão, possivelmente se açoitarão, e rogarão à sua Divina Mãe Kundalini para que elimine de sua psique esses maus acompanhantes que nesses antros tenebrosos de seu próprio país psicológico os têm metido.

Muito têm dito as distintas religiões sobre a vida depois da morte e do mais além.

Que as pobres pessoas não se enrolem mais os miolos sobre o que há lá do outro lado, mais além do sepulcro.

Inquestionavelmente, depois da morte, cada qual continua vivendo na colônia psicológica de sempre.

O ladrão nos antros dos ladrões continuará; o luxurioso no bordel prosseguirá como fantasma de mal agouro; o iracundo, o furioso seguirá vivendo nos becos perigosos do vício e da ira, ali também onde brilha o punhal e soam os tiros das pistolas.

A essência em si mesma é muito formosa, veio de cima das estrelas e, desgraçadamente, está metida dentro de todos estes “eus” que levamos dentro.

Por oposição, a essência pode desandar o caminho, regressar ao ponto de partida original, voltar às estrelas; mas deve libertar-se primeiro de seus maus acompanhantes que a têm metida nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, insignes mestres cristificados, descobriram dentro de seu interior os “eus” da perdição, sofreram o indizível e não há dúvida de que a base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários lograram reduzir à poeira cósmica todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam.

Inquestionavelmente esses Santos se cristificaram e regressaram ao ponto de partida original depois de haver sofrido muito.

Antes de tudo é necessário, é urgente, inadiável, que o centro magnético que de forma anormal temos estabelecido em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência; assim poderá iniciar o homem completo sua viagem desde a personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática progressiva, de grau em grau, pela montanha do Ser.

Enquanto o centro magnético continue estabelecido em nossa personalidade ilusória, viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis, ainda que na vida prática sejamos magníficos cidadãos.

Cada qual tem um centro magnético que lhe caracteriza; o comerciante tem o centro magnético do comércio e por isso se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim, compradores e mercados.

O homem da ciência tem em sua personalidade o centro magnético da ciência e por isso atrai até si todas as coisas da ciência, livros, laboratórios, etc.

O esoterista tem em si mesmo o centro magnético do esoterismo, e como quer que esta classe de centro se torna diferente das questões da personalidade, indubitavelmente sucede, por tal motivo, a transferência.

Quando o centro magnético se estabelece na consciência, ou seja, na essência, então se inicia o regresso do homem total às estrelas.

*Capítulo 19*

## As drogas

O desdobramento psicológico do homem nos permite evidenciar o cru realismo de um nível superior em cada um de nós.

Quando alguém tem conseguido verificar por si mesmo de forma direta o fato concreto de dois homens dentro de si mesmo, o inferior no nível normal comum e corrente, e o superior em uma oitava mais elevada, então tudo muda e procuramos neste caso atuar na vida de acordo aos princípios fundamentais que leva no fundo de seu Ser.

Assim como existe uma vida externa, assim também existe uma vida interna.

O homem exterior não é tudo, o desdobramento psicológico nos ensina a realidade do homem interior.

O homem exterior tem seu modo de ser, é uma coisa com múltiplas atitudes e reações típicas na vida, uma marionete movida por fios invisíveis.

O homem interior é o Ser autêntico, se processa em ou-

tras leis muito diferentes, jamais poderia ser convertido em robô.

O homem exterior não dá ponto sem nó, sente que lhe têm pagado mal, se compadece de si mesmo, se autoconsidera demasiadamente, se é soldado aspira ser general, se é trabalhador de uma fábrica protesta quando não lhe promovem, quer que seus méritos sejam devidamente reconhecidos, etc.

Ninguém poderia chegar ao “nascimento segundo”, renascer como diz o Evangelho do Senhor, enquanto continue vivendo com a psicologia do homem inferior comum e corrente.

Quando alguém reconhece sua própria nulidade e miséria interior, quando tem o valor de revisar sua vida, indubitavelmente vem a saber por si mesmo que de nenhuma maneira possui méritos de nenhuma espécie.

*“Bem-aventurados os pobres de espírito porque eles receberão o reino dos céus”.*

Pobres de espírito ou indigentes do espírito, são realmente aqueles que reconhecem sua própria nulidade, desvergonha e miséria interior. Essa classe de seres, inquestionavelmente recebem a iluminação.

*“Mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus”.*

É ostensível que a mente enriquecida por tantos méritos, condecorações e medalhas, distinguidas virtudes sociais e

complicadas teorias acadêmicas, não é pobre de espírito e, portanto, nunca poderia entrar no reino dos céus.

Para entrar ao Reino se faz impostergável o tesouro da Fé. Enquanto não se tenha produzido em cada um de nós o desdobramento psicológico, a Fé resulta algo mais que impossível.

A Fé é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta.

A Fé foi sempre confundida com as vãs crenças. Nós gnósticos não devemos cair jamais em tão grave erro.

A Fé é experiência direta do real; vivência magnífica do homem interior; cognição divinal autêntica.

O homem interior, ao conhecer por experiência mística direta seus próprios mundos internos, é ostensível que conheça também os mundos internos de todas as pessoas que povoam a face da terra.

Ninguém poderia conhecer os mundos internos do planeta Terra, do sistema solar e da galáxia em que vivemos, se antes não tenha conhecido seus próprios mundos internos. Isto é similar ao suicida que escapa da vida pela porta falsa.

As extra-percepções do drogado têm sua raiz particular no abominável órgão Kundartiguador (a serpente tentadora do Éden).

A consciência embotelhada entre os múltiplos elementos que constituem o ego se processa em virtude de seu próprio embotelhamento.

A consciência egóica advém, pois, em estado de coma, com alucinações hipnóticas muito similares às de qualquer sujeito que se encontre sob a influência de tal ou qual droga.

Podemos colocar esta questão da seguinte forma: alucinações da consciência egóica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas.

Obviamente, estes dois tipos de alucinações têm suas causas originais no abominável órgão Kundartiguador (veja-se o capítulo XVI do presente livro).

Indubitavelmente, as drogas aniquilam os raios alfa, então inquestionavelmente vem a perder-se a conexão intrínseca entre mente e cérebro; isto de fato resulta em fracasso total.

O drogado converte o vício em religião, e desviado pensa experimentar o real sob a influência das drogas, ignorando que as extra-percepções produzidas pela maconha, o L.S.D., a morfina, os fungos alucinantes, a cocaína, a heroína, o haxixe, pastilhas tranquilizantes em excesso, anfetaminas, barbitúricos, etc., etc., etc., são meras alucinações elaboradas pelo abominável órgão Kundartiguador.

Os drogados involuindo, degenerando no tempo, se submergem ao fim de forma definitiva dentro dos mundos infernos.

*Capítulo 20*

## Inquietudes

Não há dúvida que entre o pensar e o sentir existe uma grande diferença; isto é incontrovertível.

Existe uma grande frieza entre as pessoas, é o frio do que não tem importância, do superficial.

Creem as multidões que importante é o que não é importante, supõem que a última moda, ou o carro último modelo, ou a questão do salário fundamental é o único sério.

Chamam sério a crônica do dia, a aventura amorosa, a vida sedentária, a taça de licor, a corrida de cavalos, a corrida de automóveis, a corrida de touros, o mexerico, a calúnia, etc.

Obviamente, quando o homem do dia ou a mulher do salão de beleza escutam algo sobre esoterismo, como queira que isto não está em seus planos, nem em suas tertúlias, nem em seus prazeres sexuais, respondem com um não sei o quê de frieza espantosa, ou simplesmente retorcem a boca, levantam os ombros, e se retiram com indiferença.

Essa apatia psicológica, essa frieza que espanta, tem dois embasamentos: primeiro a ignorância mais tremenda;

segundo a ausência mais absoluta de inquietudes espirituais.

Falta um contato, um choque elétrico, ninguém o deu na loja, tampouco entre o que se acreditava ser sério, nem muito menos nos prazeres da cama.

Se alguém fosse capaz de dar-lhe ao frio imbecil ou à superficial mulherzinha o toque elétrico do momento, a faísca do coração, alguma reminiscência estranha, um não sei o quê demasiado íntimo, talvez então tudo seria distinto.

Mas algo desloca à vizinha secreta, à primeira intuição, ao anelo íntimo; possivelmente uma tolice, o formoso chapéu de alguma vitrine ou aparador, o doce delicioso de um restaurante, o encontro de um amigo que mais tarde não tem para nós nenhuma importância, etc.

Tolices, necedades que não sendo transcendentais, têm sim força em um dado instante para apagar a primeira inquietude espiritual, o anelo íntimo, a insignificante chispa de luz, a intuição que sem saber por quê nos inquietou por um momento.

Se esses que hoje são cadáveres viventes, frios noctâmbulos do clube ou simplesmente vendedores de sombrinhas no armazém da rua real, não houvessem sufocado a primeira inquietude íntima, seriam neste momento luminárias do espírito, adeptos da luz, homens autênticos no sentido mais completo da palavra.

A faísca, a intuição, um suspiro misterioso, um não sei quê, foi sentido alguma vez pelo açougueiro da esquina, pelo

engraxador de calçado ou pelo doutor de primeira magnitude; mas tudo foi em vão, as necessidades da personalidade sempre apagam a primeira faísca da luz; depois prossegue o frio da mais espantosa indiferença.

Inquestionavelmente, a lua traga as pessoas cedo ou tarde; esta verdade resulta incontrovertível.

Não há ninguém na vida que não tenha sentido alguma vez uma intuição, uma inquietude estranha, desgraçadamente qualquer coisa da personalidade, por tola que esta seja, é suficiente para reduzir à pó cósmico/poeira cósmica isso que no silêncio da noite nos comoveu por um momento.

A lua ganha sempre estas batalhas, ela se alimenta, se nutre precisamente com nossas próprias debilidades.

A lua é terrivelmente mecanicista; o humanóide lunar, desprovido por completo de toda inquietude solar, é incoerente e se move no mundo de seus sonhos.

Se alguém fizesse o que ninguém faz, isto é, avivar a íntima inquietude surgida talvez no mistério de alguma noite, não há dúvida de que com o tempo assimilaria a inteligência solar e se converteria por tal motivo em Homem solar.

Isso é, precisamente, o que o Sol quer, porém estas sombras lunares tão frias, apáticas e indiferentes, sempre são tragadas pela Lua; depois vem a igualação da morte.

A morte iguala tudo. Qualquer cadáver vivente desprovido de inquietudes solares, degenera terrivelmente de forma progressiva até que a Lua o devora.

O Sol quer criar Homens, está fazendo esse ensaio no laboratório da natureza; desgraçadamente, tal experimento não lhe tem dado muitos bons resultados, a Lua traga as pessoas.

No entanto, isto que estamos dizendo não lhe interessa a ninguém, muito menos aos ignorantes ilustrados; eles sentem a mamãe dos pintinhos ou o papai do Tarzan.

O Sol tem depositado dentro das glândulas sexuais do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, certos "*gérmenes solares*" que convenientemente desenvolvidos poderiam nos transformar em Homens autênticos.

Contudo o experimento solar resulta espantosamente difícil devido precisamente ao frio lunar.

As pessoas não querem cooperar com o Sol e por tal motivo, com o tempo, os gérmenes solares involucionam, degeneram e se perdem lamentavelmente.

A clavícula mestra da obra do Sol está na dissolução dos elementos indesejáveis que levamos dentro.

Quando uma raça humana perde todo o interesse pelas ideias solares, o Sol a destrói porque já não lhe serve para seu experimento.

Como esta raça atual tem se tornado insuportavelmente lunar, terrivelmente superficial e mecanicista, já não serve para o experimento solar, motivo mais que suficiente pelo qual será destruída.

Para que haja inquietude espiritual contínua se requer passar o centro magnético de gravidade à essência, à consciência.

Desafortunadamente, as pessoas têm o centro magnético de gravidade na personalidade, no café, no bar, nos negócios do banco, no bordel ou na praça de mercado, etc.

Obviamente, todas estas são coisas da personalidade e o centro magnético da mesma atrai a todas estas coisas; isto é incontrovertível e qualquer pessoa que tenha sentido comum pode verifica-lo por si mesma e de forma direta.

Desgraçadamente, ao ler tudo isto, os velhacos do intelecto, acostumados a discutir demasiadamente ou a calar com um orgulho insuportável, preferem jogar fora o livro com desdém e ler o jornal.

Alguns quantos goles de bom café e a crônica do dia resultam magnífico alimento para os mamíferos racionais.

No entanto, eles se sentem muito sérios; indubitavelmente suas próprias sabichonices os têm alucinados, e estas coisas de tipo solar escritas neste livro insolente lhes incomoda demasiadamente. Não há dúvida de que os olhos boêmios dos homúnculos da razão não se atreveriam a continuar com o estudo desta obra.



*Capítulo 21*

## **Meditação**

Na vida o único importante é a mudança radical, total e definitiva; o demais francamente não tem a menor importância.

A meditação resulta fundamental quando sinceramente nós queremos tal mudança.

De modo algum desejamos a meditação intrascedente, superficial e vã.

Necessitamos tornarmo-nos sérios e deixar de lado tantas tolices que abundam por aí no pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato.

Há que saber ser sérios, há que saber mudar se é que na realidade e de verdade não queremos fracassar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, o superficial, o intonso, jamais poderá dissolver o ego; será sempre uma lenha impotente entre o furioso mar da vida.

Defeito descoberto no terreno da vida prática, deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação.

O material didático para a meditação se encontra precisamente nos distintos eventos ou circunstâncias diárias da vida prática, isto é incontrovertível.

As pessoas sempre protestam contra os eventos desagradáveis, nunca sabem ver a utilidade de tais eventos.

Nós, em vez de protestar contra as circunstâncias desagradáveis, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para nosso crescimento anímico.

A meditação a fundo sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável, nos permite sentir em si mesmos o sabor, o resultado.

É necessário fazer uma plena diferenciação psicológica entre o que é o “*sabor trabalho*” e o “*sabor vida*”.

Em todo caso, para sentir em si mesmos o “*sabor trabalho*”, se requer inversão total da atitude com que normalmente se tomam as circunstâncias da existência.

Ninguém poderia gostar do “*sabor trabalho*” enquanto cometesse o erro de identificar-se com os diversos eventos.

Certamente, a identificação impede a devida apreciação psicológica dos eventos.

Quando alguém se identifica com tal ou qual acontecimento, de modo algum logra extrair do mesmo os elementos úteis para o autodescobrimento e crescimento interior da consciência.

O trabalhador esoterista que regressa à identificação de-

pois de haver perdido a guarda, volta a sentir o “sabor vida” em vez do “sabor trabalho”.

Isto indica que a atitude psicológica antes invertida, retornou a seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente através da técnica da meditação.

A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar por si mesmos e de forma direta a intervenção de vários “eus” participantes na mesma.

Exemplos: uma cena de ciúmes amorosos; nela intervém “eus” de ira, ciúmes e até ódio.

Compreender cada um destes “eus”, cada um destes fatores implica de fato profunda reflexão, concentração, meditação.

A forte tendência de culpar os outros é óbice, obstáculo para a compreensão de nossos próprios erros.

Desgraçadamente resulta tarefa muito difícil destruir em nós a tendência a culpar a outros.

Em nome da verdade temos de dizer que nós somos os únicos culpáveis das diversas circunstâncias desagradáveis da vida.

Os distintos eventos agradáveis ou desagradáveis existem conosco ou sem nós, e se repetem mecanicamente de forma contínua.

Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final.

Os problemas são da vida e se houvesse uma solução final a vida não seria vida senão morte.

Então pode haver modificação das circunstâncias e dos problemas, mas nunca deixarão de repetir-se e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente com toda as circunstâncias agradáveis e desagradáveis, sempre recorrente.

Não podemos deter a roda, as circunstâncias boas ou más processam-se sempre mecanicamente; unicamente podemos mudar nossa atitude ante os eventos da vida.

Conforme nós aprendamos a extrair o material para a meditação dentre as mesmas circunstâncias da existência, iremos nos autodescobrindo.

Em qualquer circunstância agradável ou desagradável existem diversos “eus” que devem ser compreendidos integralmente com a técnica da meditação.

Isto significa que qualquer grupo de “eus”, intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de haver sido compreendido integralmente, deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe Kundalini.

À medida que façamos uso do sentido da observação psicológica, este último irá também se desenvolvendo mara-

vilhosamente. Então poderemos perceber aos “eus” durante o trabalho da meditação.

Resulta interessante perceber interiormente não somente aos “eus” antes de haverem sido trabalhados, senão também durante todo o trabalho.

Quando estes “eus” são decapitados e desintegrados, sentimos um grande alívio, uma grande dita.



Capítulo 22

## Retorno e recorrência

Um homem é o que é sua vida; se um homem não trabalha sua própria vida, está perdendo tempo miseravelmente.

Somente eliminando os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos, podemos fazer de nossa vida uma Obra-Mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida com a possibilidade de repetí-la novamente no cenário de uma nova existência.

As diversas escolas de tipo pseudo-esoterista e pseudo-ocultista sustentam a teoria eterna das vidas sucessivas; tal conceito está equivocado.

A vida é um filme; concluída a projeção, enrolamos a fita em seu carretel e nós a levamos para a eternidade.

O reingresso existe, o retorno existe; ao voltar a este mundo projetamos sobre o tapete da existência o mesmo filme, a mesma vida.

Podemos assentar a tese de *existências sucessivas*; mas não de *vidas sucessivas*, porque o filme é o mesmo.

O ser humano tem uns três por cento de essência livre e uns noventa e sete por cento de essência embotelhada entre os “eus”.

Ao retornar, os três por cento de essência livre impregnam totalmente o ovo fecundado; inquestionavelmente continuamos na semente de nossos descendentes.

A personalidade é diferente; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; esta última vai se dissolvendo lentamente no sepulcro ou cemitério.

No recém-nascido só se encontra reincorporada a pequena porcentagem de essência livre; isto dá à criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos “eus” que retornam dão voltas ao redor do recém nascido, vão e vêm livremente por toda parte, querem meter-se dentro da máquina orgânica, mas isto não é possível enquanto não se tenha criado uma nova personalidade.

Convém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo.

Escrito está que a personalidade há que criar-se durante os primeiros sete anos da infância e que posteriormente se robustece e se fortifica com todas as experiências da vida prática.

Os “eus” começam a intervir dentro da máquina orgânica pouco a pouco à medida que a nova personalidade vai sendo criada.

A morte é uma subtração de frações, terminada a operação matemática o único que continua são os valores (isto é, os “eus” bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos).

Os valores na luz astral se atraem e se repelem entre si de acordo com as leis da imantação universal.

Nós somos pontos matemáticos no espaço que servem de veículo a determinadas somas de valores.

Dentro da personalidade humana de cada um de nós existem sempre estes valores que servem de base à Lei de Recorrência.

Tudo volta a ocorrer tal como sucedeu, mais o resultado ou consequência de nossas ações precedentes.

Como dentro de cada um de nós existem muitos “eus” de vidas precedentes, podemos afirmar, de forma enfática, que cada um daqueles é uma pessoa distinta.

Isto nos convida a compreender que dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas com distintos compromissos.

Dentro da personalidade de um ladrão existe um verdadeiro antro de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe um bordel; dentro da personalidade de qualquer prostituta existe todo um prostíbulo, etc.

Cada uma dessas pessoas que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos.

Gente vivendo dentro da gente, pessoas vivendo dentro das pessoas; isto é irrefutável, irrefutável.

O grave de tudo isto é que cada uma dessas pessoas ou “eus” que dentro de nós vive, vem de antigas existências e tem determinados compromissos.

O “eu” que na passada existência teve uma aventura amorosa na idade dos trinta anos, na nova existência aguardará tal idade para manifestar-se, e chegando o momento buscará a pessoa de seus sonhos, se colocará em contato telepático com a mesma e ao fim virá o reencontro e a repetição da cena.

O “eu” que na idade de quarenta anos teve um pleito por bens materiais, na nova existência aguardará tal idade para repetir o mesmo ato complacente.

O “eu” que na idade de vinte e cinco anos brigou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará na nova existência a nova idade de vinte e cinco anos para buscar a seu adversário e repetir a tragédia.

Buscam-se entre si os “eus” de um e do outro sujeito mediante as ondas telepáticas, e logo se reencontram para repetir mecanicamente o mesmo.

Esta é realmente a mecânica da Lei de Recorrência; esta é a tragédia da vida.

Através de milhares de anos os diversos personagens se reencontram para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias.

A pessoa humana não é mais que uma máquina ao serviço destes “eus” com tantos compromissos.

O pior de toda esta questão é que todos estes compromissos das pessoas que levamos em nosso interior, se cumprem sem que nosso entendimento tenha previamente alguma informação.

Nossa personalidade humana neste sentido, parece uma carroça arrastada por múltiplos cavalos.

Há vidas de exatíssima repetição, recorrentes existências que nunca se modificam.

De modo algum poderiam repetir-se as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência se não existissem os atores.

Os atores de todas estas cenas são os “eus” que em nosso interior carregamos e que vêm de antigas existências.

Se nós desintegramos aos “eus” da ira, as cenas trágicas da violência concluem inevitavelmente.

Se nós reduzimos ao pó cósmico/ a poeira cósmica aos agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizarão totalmente.

Se nós aniquilamos aos “eus” da luxúria, as cenas do pros-tíbulo e da morbosidade finalizam.

Se nós reduzimos a cinzas aos personagens secretos da inveja, os eventos da mesma concluirão radicalmente.

Se nós matamos aos “eus” do orgulho, da vaidade, da pre-

sunção, da auto-importância, as cenas ridículas destes defeitos finalizarão por falta de atores.

Se nós eliminamos de nossa psique os fatores da preguiça, da inércia e da moleza, as horripilantes cenas desta classe de defeitos não poderão repetir-se por falta de atores.

Se nós pulverizamos os “eus” asquerosos da gula, da gluttonaria, finalizarão os banquetes, as bebedeiras, etc., por falta de atores.

Como estes múltiplos “eus” se processam lamentavelmente nos distintos níveis do Ser, se faz necessário conhecer suas causas, sua origem, e os procedimentos crísticos que finalmente haverão de conduzir-nos à morte do mim mesmo e à liberação final.

Estudar ao Cristo Íntimo, estudar o esoterismo crístico, é básico quando se trata de provocar em nós uma mudança radical e definitiva; isto é o que estudaremos nos próximos capítulos.

Capítulo 23

## O Cristo Íntimo

Cristo é o Fogo do Fogo, a Chama da Chama, a Assinatura Astral do Fogo.

Sobre a Cruz do Mártir do Calvário está definido o Mistério do Cristo com uma só palavra que consta de quatro letras: INRI: *Ignis Natura Renovatur Integra*. “O Fogo Renova Incessantemente a Natureza”.

O Advento do Cristo no coração do homem, nos transforma radicalmente.

Cristo é o Logos Solar, Unidade Múltipla Perfeita. Cristo é a vida que palpita no universo inteiro, é o que é, o que sempre tem sido e o que sempre será.

Muito se tem dito sobre o Drama Cósmico; inquestionavelmente este Drama está formado pelos quatro evangelhos.

Nos tem sido dito que o Drama Cósmico foi trazido pelos Elohim à Terra; o Grande Senhor da Atlântida representou esse Drama em carne e osso.

O Grande Kabir Jesus também teve que representar o mesmo Drama publicamente na Terra Santa.

Ainda que o Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve se não nasce em nosso coração também.

Ainda que tivesse morto e ressuscitado ao terceiro dia dentre os mortos, de nada serve isso se não morre e ressuscita em nós também.

Tratar de descobrir a natureza e a essência do fogo é tratar de descobrir a Deus, cuja presença real sempre tem sido revelada sob a aparência ígnea.

A sarça ardente (Êxodo, III, 2) e o incêndio do Sinai, a raiz do outorgamento do Decálogo (Êxodo, XIX, 18), são duas manifestações pelas que Deus apareceu ao Moisés.

Sob a figura de um ser de Jaspe e Sardônio da cor da chama, sentado num Trono incandescente e fulgurante, São João descreve ao dono do Universo (Apocalipse, IV, 3-5).

*“Nosso Deus é um Fogo Devorador”*, escreve São Paulo em sua Epístola aos Hebreus.

O Cristo Íntimo, o Fogo Celestial, deve nascer em nós e nasce em realidade quando temos avançado bastante no trabalho psicológico.

O Cristo Íntimo deve eliminar de nossa natureza psicológica as próprias causas do erro; os “eus causas”.

Não seria possível a dissolução das causas do ego, enquanto o Cristo Íntimo não tenha nascido em nós.

O fogo vivente e filosofal, o Cristo Íntimo, é o Fogo do Fogo, o puro do puro.

O fogo nos envolve e nos banha por todas as partes, vem a nós pelo ar, pela água e pela própria terra, que são seus conservadores, e seus diversos veículos.

O Fogo Celestial deve cristalizar em nós, é o Cristo Íntimo, nosso Salvador interior profundo.

O Senhor Íntimo, deve encarregar-se de toda nossa Psique; dos cinco cilindros da máquina orgânica; de todos os nossos processos Mentais, Emocionais, Motores, Instintivos, Sexuais.



*Capítulo 24*

## **Trabalho Crístico**

O Cristo Íntimo surge interiormente no trabalho relacionado com a dissolução do “eu psicológico”.

Obviamente, o Cristo interior só advém no momento cume de nossos esforços intencionais e padecimentos voluntários.

O advento do fogo Crístico é o evento mais importante de nossa própria vida.

O Cristo Íntimo se torna então encarregado de todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

Inquestionavelmente, o Cristo Íntimo é o nosso salvador interior profundo.

Ele, sendo perfeito, ao meter-se em nós pareceria como imperfeito; sendo casto, pareceria como se não o fosse; sendo justo pareceria como se não o fosse.

Isto é semelhante aos distintos reflexos da luz. Se usamos lentes azuis, tudo nos parecerá azul, e se as usamos de cor vermelha, veremos todas as coisas desta cor.

Ele, ainda que seja branco, visto desde fora, cada qual o verá através do cristal psicológico com que lhe olha; por isso é que as pessoas vendo-lhe, não o veem.

Ao tornar-se encarregado de todos os nossos processos psicológicos, o Senhor de perfeição sofre o indizível.

Convertido em homem entre os homens, há de passar por muitas provas e suportar tentações indizíveis.

*“A tentação é fogo, o triunfo sobre a tentação é luz”.*

O Iniciado deve aprender a viver perigosamente; assim está escrito; isto os Alquimistas sabem.

O Iniciado deve recorrer com firmeza a Senda do Fio da Navalha; de um e do outro lado do difícil caminho, existem abismos espantosos.

Na difícil senda da dissolução do ego, existem complexos caminhos que têm sua raiz precisamente no caminho real.

Obviamente, da senda do Fio da Navalha se desprendem múltiplas sendas que não conduzem a nenhuma parte; algumas delas nos levam ao abismo e ao desespero.

Existem sendas que poderiam converter-nos em majestades de tais ou quais zonas do Universo, mas que de nenhum modo nos trariam de volta ao seio do Eterno Pai Cósmico Comum.

Existem sendas fascinantes, de santíssima aparência, inefáveis, desafortunadamente, só podem conduzir-nos à involução submergida dos mundos infernos.

No trabalho da dissolução do “eu”, necessitamos entregar-nos por completo ao Cristo Interior.

Às vezes, aparecem problemas de difícil solução; de repente o caminho se perde em labirintos inexplicáveis e não se sabe por onde continua. Somente a obediência absoluta ao Cristo Interior e ao Pai que está em segredo, podem em tais casos nos orientar sabiamente.

A senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora.

A moral convencional de nada serve; a moral é escrava dos costumes, da época, do lugar.

O que foi moral em épocas passadas, agora resulta imoral; o que foi moral na Idade Média, por estes tempos modernos pode resultar imoral. O que em um país é moral em outro país é imoral, etc.

No trabalho da dissolução do ego, sucede que, às vezes, quando pensamos que vamos muito bem, resulta que vamos muito mal.

As mudanças são indispensáveis durante o avanço esotérico, mas as pessoas reacionárias permanecem embotlhadas no passado; se petrificam no tempo e tropeçam e relampejam contra nós à medida que realizamos avanços psicológicos profundos e mudanças radicais.

As pessoas não resistem às mudanças do Iniciado, querem que este continue petrificado em múltiplos ontens.

Qualquer mudança que o Iniciado realizar é classificada de imediato como imoral.

Olhando as coisas desde este ângulo, à luz do trabalho crístico, podemos evidenciar claramente, a ineficácia dos diversos códigos de moral que no mundo têm sido escritos.

Inquestionavelmente, o Cristo manifesto e, no entanto, oculto no coração do homem real, ao tornar-se encarregado de nossos diversos estados psicológicos, sendo desconhecido para as pessoas, é de fato qualificado como cruel, imoral e perverso.

Resulta paradoxal que as pessoas adorem ao Cristo e, no entanto, lhe acomodem qualificativos tão horripilantes.

Obviamente, as pessoas inconscientes e adormecidas só querem um Cristo histórico, antropomórfico, de estátuas e dogmas inquebrantáveis, ao qual podem acomodar facilmente todos os seus códigos de moral torpe e rança e todos os seus prejuízos e condições.

As pessoas não podem conceber jamais ao Cristo Íntimo no coração do homem; as multidões só adoram ao Cristo estátua e isso é tudo.

Quando alguém fala às multidões, quando alguém lhes declara o cru realismo do Cristo revolucionário, do Cristo vermelho, do Cristo rebelde, de imediato recebe qualificativos como os seguintes: blasfemo, herege, malvado, profanador, sacrílego, etc.

Assim são as multidões, sempre inconscientes, sempre adormecidas. Agora compreenderemos por quê o Cristo crucificado no Gólgota exclama com todas as forças de sua alma: *“Pai meu, perdoa-os porque não sabem o que fazem!”*.

O Cristo em si mesmo, sendo um, aparece como muitos; por isso se tem sido dito que é Unidade Múltipla Perfeita. *“Ao que sabe, a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão somente aquele que o tem encarnado”*.

Encarná-lo é o fundamental no trabalho avançado do “eu pluralizado”.

O Senhor da Perfeição trabalha em nós à medida que nos esforçamos conscientemente no trabalho sobre si mesmos.

Resulta espantosamente doloroso o trabalho que o Cristo Íntimo tem que realizar dentro de nossa própria psique.

É verdade que nosso Mestre interior deve viver toda sua via-crúcis no fundo mesmo de nossa própria alma.

Escrito está: *“A Deus rogando e com o malho dando”*. Também está escrito: *“Ajuda-te que eu te ajudarei”*.

Suplicar à Divina Mãe Kundalini é fundamental quando se trata de dissolver agregados psíquicos indesejáveis, contudo o Cristo Íntimo, nos fundos mais profundos do mim mesmo, opera sabiamente de acordo com as próprias responsabilidades que ele coloca sobre seus ombros.



*Capítulo 25*

## O difícil caminho

Inquestionavelmente existe um lado obscuro de nós mesmos que não conhecemos ou não aceitamos; devemos levar a luz da consciência a esse lado tenebroso de si mesmos.

Todo o objeto de nossos estudos Gnósticos é fazer que o conhecimento de si mesmos se torne mais consciente.

Quando se têm muitas coisas em si mesmo que não se conhecem nem se aceitam, então tais coisas nos complicam a vida espantosamente e provocam em verdade toda sorte de situações que poderiam ser evitadas mediante o conhecimento de si.

O pior de tudo isto é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de si mesmos em outras pessoas e então o vemos nelas.

Por exemplo: as vemos como se fossem embusteiras, inféis, mesquinhas, etc., em relação com o que carregamos em nosso interior.

A Gnosis diz sobre este particular que vivemos em uma parte muito pequena de nós mesmos. Isso significa que nossa consciência se estende somente a uma parte muito reduzida de nós mesmos.

A ideia do trabalho esotérico gnóstico é a de ampliar claramente nossa própria consciência.

Indubitavelmente, enquanto não estejamos bem relacionados consigo mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os demais, e o resultado serão conflitos de toda espécie.

É indispensável chegar a ser muitíssimo mais conscientes para consigo mesmos mediante uma direta observação de si.

Uma regra gnóstica geral no trabalho esotérico gnóstico é que quando não nos entendemos com alguma pessoa, se pode ter a segurança de que esta é a mesma coisa contra a qual é preciso trabalhar sobre si mesmo.

O que se critica tanto nos outros é algo que descansa no lado obscuro de si mesmo e que não se conhece nem sem quer conhecer.

Quando estamos em tal condição, o lado obscuro de nós é muito grande, porém quando a luz da observação de si ilumina esse lado obscuro, a consciência se acrescenta mediante o conhecimento de si.

Esta é a Senda do Fio da Navalha, mais amarga que o fel, muitos a iniciam, muito raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto que não se vê, um lado desconhecido, assim também sucede com a Lua Psicológica que carregamos em nosso interior.

Obviamente, tal Lua Psicológica está formada pelo ego, o “eu”, o mim mesmo, o si mesmo.

Nesta Lua Psicológica carregamos elementos inumanos que espantam, que horrorizam e que de modo algum aceitaríamos ter.

Cruel caminho é este da Autorrealização Íntima do Ser. Quantos precipícios! Que passos tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!

Às vezes o caminho interior, depois de muitas voltas e reviravoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas baixadas, se perde em desertos de areia, não se sabe por onde segue e nem um raio de luz lhe ilumina.

Senda cheia de perigos por dentro e por fora; caminho de mistérios indizíveis onde somente sopra um hálito de morte.

Neste caminho interior, quando alguém crê que vai muito bem, em realidade vai muito mal.

Neste caminho interior, quando alguém crê que vai muito mal, sucede que marcha muito bem.

Neste caminho secreto existem instantes em que alguém já nem sabe o que é o bom, nem o que é o mau.

O que normalmente se proíbe, às vezes resulta que é o justo; assim é o caminho interior.

Todos os códigos morais no caminho interior ficam sobrando; uma bela máxima ou um formoso preceito moral, em determinados momentos podem converter-se em um obstáculo muito sério para a Autorrealização Íntima do Ser.

Afortunadamente o Cristo Íntimo desde o próprio fundo de nosso Ser, trabalha intensivamente, sofre, chora, desintegra elementos perigosíssimos que levamos em nosso interior.

O Cristo nasce como uma criança no coração do homem, porém à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo pouco a pouco até converter-se em um homem completo.

*Capítulo 26*

## Os três traidores

No trabalho interior profundo, dentro do terreno da estrita auto-observação psicológica, temos que vivenciar de forma direta todo o drama cósmico.

O Cristo Íntimo há de eliminar todos os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Os múltiplos agregados psíquicos, em nossas profundidades psicológicas, gritam pedindo crucificação para o Senhor interior.

Inquestionavelmente cada um de nós leva em sua psique os três traidores.

Judas, o demônio do desejo; Pilatos, o demônio da mente; Caifás, o demônio da má vontade.

Estes três traidores crucificam ao Senhor de Perfeições no próprio fundo da nossa alma.

Trata-se de três tipos específicos de elementos inumanos fundamentais no Drama Cósmico.

Indubitavelmente, o citado Drama tem sido vivido sempre secretamente nas profundidades da consciência superlativa do Ser.

Não é o Drama Cósmico propriedade exclusiva do Grande Kabir Jesus como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Os iniciados de todas as idades, os Mestres de todos os séculos, têm tido que viver o Drama Cósmico dentro de si mesmos, aqui e agora.

Porém, Jesus o Grande Kabir teve o valor de representar tal Drama íntimo publicamente, na rua e à luz do dia, para abrir o sentido da iniciação a todos os seres humanos, sem diferenças de raça, sexo, casta ou cor.

É maravilhoso que exista alguém que de forma pública ensinará Drama íntimo a todos os povos da terra.

O Cristo Íntimo, não sendo luxurioso, tem que eliminar de si mesmo os elementos psicológicos da luxúria.

O Cristo Íntimo, sendo em si mesmo paz e amor, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da ira.

O Cristo Íntimo, não sendo um cobiçoso, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da cobiça.

O Cristo Íntimo, não sendo invejoso, deve eliminar de si mesmo os agregados psíquicos da inveja.

O Cristo Íntimo, sendo humildade perfeita, modéstia infinita, simplicidade absoluta, deve eliminar de si mesmo os asquerosos elementos do orgulho, da vaidade, do envaidecimento.

O Cristo Íntimo, a palavra, o Logos Criador, vivendo sempre em constante atividade tem que eliminar em nosso interior, em si mesmo e por si mesmo os elementos indezíveis da inércia, da preguiça, do estancamento.

O Senhor de Perfeição, acostumado a todos os jejuns, moderado, jamais amigo de bebedeiras e de grandes banquetes, tem que eliminar de si mesmo os abomináveis elementos da gula.

Estranha simbiose a do Cristo-Jesus, o Cristo-Homem; rara mescla do divino e do humano, do perfeito e do imperfeito; prova sempre constante para o Logos.

O mais interessante de tudo isto é que o Cristo secreto é sempre um triunfador; alguém que vence constantemente as trevas; alguém que elimina as trevas dentro de si mesmo, aqui e agora.

O Cristo Secreto é o Senhor da Grande Rebelião, rechaçado pelos sacerdotes, pelos anciãos e pelos escribas do templo.

Os sacerdotes lhe odeiam; ou seja, não lhe compreendem, querem que o Senhor de Perfeições viva exclusivamente no tempo de acordo com seus dogmas inquebrantáveis.

Os anciãos, ou seja, os moradores da Terra, os bons donos de casa, as pessoas judiciosas, as pessoas de experiência, aborrecem ao Logos, ao Cristo Vermelho, ao Cristo da Grande Rebelião, porque este sai do mundo, de seus hábitos e costumes antiquados, reacionários e petrificados em muitos ontens.

Os escribas do templo, os velhacos do intelecto aborrecem ao Cristo Íntimo porque este é a antítese do Anticristo, o inimigo declarado de toda essa podridão de teorias universitárias que tanto abunda nos mercados de corpos e almas.

Os três traidores odeiam mortalmente ao Cristo Secreto e lhe conduzem à morte dentro de nós mesmos e em nosso próprio espaço psicológico.

Judas, o demônio do desejo, troca sempre o Senhor por trinta moedas de prata, quer dizer, por licores, dinheiros, fama, vaidades, fornicações, adultérios, etc.

Pilatos, o demônio da mente, sempre lava-se as mãos, sempre se declara inocente, nunca tem a culpa, constantemente se justifica ante si mesmo e ante os demais, busca evasivas, escapatórias para eludir suas próprias responsabilidades, etc.

Caifás, o demônio da má vontade, trai incessantemente o Senhor dentro de nós mesmos; o Adorável Íntimo lhe dá o báculo para pastorear suas ovelhas, no entanto, o cínico traidor converte o altar em leito de prazeres, fornicava incessantemente, adultera, vende os sacramentos, etc.

Estes três traidores secretamente fazem sofrer ao Adorável Senhor Íntimo sem compaixão alguma.

Pilatos lhe faz colocar a coroa de espinhos em sua têmpora, os malvados “eus” o flagelam, lhe insultam, lhe maldizem no espaço psicológico íntimo sem piedade de nenhuma espécie.

*Capítulo 27*

## Os “eus” causas

Os múltiplos elementos subjetivos que constituem o ego têm raízes causais.

Os “eus causas” estão vinculados às leis de Causa e Efeito. Obviamente não pode existir causa sem efeito, nem efeito sem causa; isto é inquestionável, indubitável.

Seria inconcebível a eliminação dos diversos elementos inumanos que em nosso interior carregamos, se não eliminássemos radicalmente as causas intrínsecas de nossos defeitos psicológicos.

Obviamente, os “eus causas” encontram-se intimamente associados a determinadas dívidas kármicas.

Só o arrependimento mais profundo e os respectivos negócios com os Senhores da Lei, podem dar-nos a dita de lograr a desintegração de todos esses elementos causais que de uma ou outra forma podem conduzir-nos à eliminação definitiva dos elementos indesejáveis.

As causas intrínsecas de nossos erros, certamente, podem ser erradicadas de si mesmos graças aos eficientes traba-

lhos do Cristo Íntimo.

Obviamente, os “eus-causas” costumam ter complexidades espantosamente difíceis.

Exemplo: um estudante esoterista poderia ser defraudado por seu instrutor e, em conseqüência, tal neófito se tornaria cético. Neste caso concreto, o “eu-causa” que originou tal erro só poderia desintegrar-se mediante o supremo arrependimento íntimo e com negociações esotéricas muito especiais.

O Cristo Íntimo, dentro de nós mesmos, trabalha intensamente eliminando, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, todas essas causas secretas de nossos erros.

O Senhor das Perfeições deve viver, em nossas íntimas profundidades, todo o Drama Cósmico.

Alguém se assombra ao contemplar no mundo causal todas as torturas pelas quais o Senhor das Perfeições passa.

No mundo causal o Cristo secreto passa por todas as amarguras indizíveis de sua via-crúcis.

Indubitavelmente, Pilatos lava-se as mãos e se justifica, porém, no final condena ao Adorável à morte na cruz.

Resulta extraordinário para o iniciado vidente a ascensão ao calvário.

Indubitavelmente, a consciência solar integrada com o Íntimo, crucificada na cruz majestosa do calvário, pronuncia

frases terríveis que aos seres humanos não lhes é dado compreender.

A frase final: *"Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito"*, vai seguida de raios e trovões e grandes cataclismos.

Posteriormente, o Cristo Íntimo, depois da descravação é depositado em seu Santo Sepulcro.

Mediante a morte, o Cristo Íntimo mata à morte. Muito mais tarde no tempo, o Cristo Íntimo deve ressuscitar em nós.

Inquestionavelmente, a ressurreição Crística vem a transformar-nos radicalmente.

Qualquer Mestre Ressurrecto possui poderes extraordinários sobre o fogo, o ar, as águas e a terra.

Indubitavelmente, os Mestres Ressurrectos adquirem a imortalidade, não somente psicológica como também corporal.

Jesus, o Grande Kabir, ainda vive com o mesmo corpo físico que teve na Terra Santa; o Conde Saint Germain que transmutava o chumbo em ouro e fazia diamantes da melhor qualidade durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII etc., ainda vive.

O enigmático e poderoso Conde Cagliostro que tanto assombrara a Europa com seus poderes durante os séculos XVI, XVII, XVIII, é um Mestre ressurrecto e conserva ainda seu mesmo corpo físico.



Capítulo 28

## O Super-Homen

Um código de *Anahuac* disse: “Os Deuses criaram aos homens de madeira e depois de havê-los criado os fusionaram com a divindade”; mas logo acrescenta: “Não todos os homens logram integrar-se com a divindade”.

Inquestionavelmente, o primeiro que se necessita é criar ao homem, antes de poder integrá-lo com o real.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem, de modo algum é o homem.

Se nós compararmos o homem com o animal intelectual, poderemos então verificar por si mesmos o fato concreto de que o animal intelectual, ainda que fisicamente se pareça ao homem, psicologicamente é absolutamente distinto.

Desafortunadamente, todos pensam erroneamente, supõem ser homens, qualificam-se de tais.

Sempre temos acreditado que o homem é o rei da criação; o animal intelectual, até a presente data, não tem demonstrado ser sequer rei de si mesmo; se não é rei de seus

próprios processos psicológicos, se não pode dirigí-los à vontade, muito menos poderá governar a natureza.

De modo algum poderíamos aceitar ao homem convertido em escravo, incapaz de governar-se a si mesmo e convertido em joguete das forças bestiais da natureza.

Ou se é rei do universo ou não se é; no último destes casos inquestionavelmente, fica demonstrado o fato concreto de não haver chegado todavia ao estado de homem.

Dentro das glândulas sexuais do animal intelectual o Sol tem depositado os gérmenes para o homem.

Obviamente, tais gérmenes podem desenvolver-se ou perder-se definitivamente.

Se queremos que tais gérmenes se desenvolvam, faz-se indispensável cooperar com o esforço que o Sol está fazendo para criar homens.

O homem legítimo deve trabalhar intensivamente com o propósito evidente de eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis que em nosso interior carregamos.

Se o homem real não eliminasse de si mesmo tais elementos fracassaria lamentavelmente; se converteria em um aborto da Mãe Cósmica, em um fracasso.

O homem que verdadeiramente trabalha sobre si mesmo com o propósito de despertar consciência, poderá integrar-se com o divinal.

Ostensivelmente, o homem solar integrado com a divin-

dade, se converte de fato e por direito próprio em Super-Homem.

Não é tão fácil chegar ao Super-Homem. Indubitavelmente, o caminho que conduz ao Super-Homem está mais além do bem e do mal.

Uma coisa é boa quando nos convém e má quando não nos convém. Entre as cadências do verso, também se esconde o delito. Há muita virtude no malvado e muita maldade no virtuoso.

O caminho que conduz ao Super-Homem é a Senda do Fio da Navalha; esta senda está cheia de perigos por dentro e por fora.

O mal é perigoso, o bem também é perigoso; o espantoso caminho está mais além do bem e do mal, é terrivelmente cruel.

Qualquer código de moral pode deter-nos na marcha para o Super-Homem. O apego a tais ou quais ontens, a tais ou quais cenas, pode deter-nos no caminho que chega até o Super-Homem.

As normas, os procedimentos, por muito sábios que sejam, quando se encontram enfrascados em tal ou qual fanatismo, em tal ou qual prejuízo, em tal o qual conceito, podem obstaculizar-nos no avanço para o Super-Homem.

O Super-Homem conhece o bom do mau e o mau do bom; empunha a espada da justiça cósmica e está mais além do bem e do mal.

O Super-Homem, havendo liquidado de si mesmo todos os valores bons e maus, tem se convertido em algo que ninguém entende, é o raio, é a chama do espírito universal de vida resplandecendo no rosto de um Moisés.

Em cada tenda do caminho, algum anacoreta oferece suas dádivas ao Super-Homem, mas este continua seu caminho mais além das boas intenções dos anacoretas.

O que disseram as pessoas sob o pórtico sagrado dos templos tem muita beleza, porém, o Super-Homem está mais além dos ditos piedosos das pessoas.

O Super-Homem é o raio e sua palavra é o trovão que desintegra aos poderes do bem e do mal.

O Super-Homem resplandece nas trevas, mas elas odeiam ao Super-Homem.

As multidões qualificam ao Super-Homem de perverso pelo mesmo fato de que não cabe dentro dos dogmas indiscutíveis, nem dentro das frases piedosas, nem dentro da sã moral dos homens sérios.

As pessoas aborrecem ao Super-Homem e crucificam-lhe entre criminosos, porque não lhe entendem, porque lhe pré-julgam, olhando-o através da lente psicológica do que se crê santo, ainda que seja malvado.

O Super-Homem é como a centelha que cai sobre os perversos, ou como o brilho de algo que não se entende e que se perde depois no mistério.

O Super-Homem nem é santo nem é perverso; está mais além da santidade e da perversidade; mas, as pessoas o qualificam de santo ou de perverso.

O Super-Homem brilha por um momento entre as trevas deste mundo e logo desaparece para sempre.

Dentro do Super-Homem resplandece abrasadoramente o Cristo Vermelho, o Cristo Revolucionário, o Senhor da Grande Rebelião.



*Capítulo 29*

## O Santo Graal

O Santo Graal resplandece na noite profunda de todas as idades. Os Cavaleiros da Idade Média, na época das Cruzadas, buscaram inutilmente o Santo Graal na Terra Santa; mas não o encontraram.

Quando Abraão, o Profeta, voltava da guerra contra os reis de Sodoma e Gomorra, dizem que encontrou a Melchisedec, o Gênio da Terra. Certamente, esse Grande Ser vivia em uma fortaleza localizada exatamente naquele lugar onde mais tarde se edificou Jerusalém, a cidade querida dos Profetas.

Diz a lenda dos séculos, e isto o sabem os divinos e os humanos, que Abraão celebrou a Unção Gnóstica com o compartimento do pão e do vinho na presença de Melchisedec.

Não é demais afirmar então que Abraão entregou a Melchisedec os dízimos e primícias tal como está escrito no Livro da Lei.

Abraão recebeu das mãos de Melchisedec o Santo Graal; muito mais tarde no tempo esta taça foi dar no templo de Jerusalém.

Não há dúvida de que a Rainha de Sabá serviu de mediadora para este fato. Ela se apresentou ante o Rei Salomão com o Santo Graal e depois de submeter-lhe à rigorosas provas fez-lhe a entrega de tão preciosa jóia.

O Grande Kabir Jesus bebeu nessa taça na cerimônia sagrada da última ceia, tal como está escrito nos Quatro Evangelhos.

José de Arimateia encheu o Cálice com o sangue que manava das feridas do Adorável no Monte das Caveiras.

Quando a polícia romana invadiu a morada do citado Senador, não encontrou esta preciosa jóia.

O Senador romano não só escondeu tão preciosa jóia, senão que ademais junto com ela guardou sob a terra a lança de Longino com a qual o centurião romano feriu o costado do Senhor.

José de Arimateia foi encerrado em uma horrível prisão por não querer entregar o Santo Graal.

Quando o citado Senador saiu do cárcere foi embora para Roma portando o Santo Graal.

Ao chegar a Roma, José de Arimateia encontrou a perseguição de Nero contra os Cristãos e foi-se pelas margens do Mediterrâneo.

Uma noite em sonhos lhe apareceu um anjo e lhe disse: *“Este cálice tem um grande poder porque nele se encontra o sangue do Redentor do Mundo”*. José de Arimateia, obedecendo ordens do anjo, enterrou tal cálice em um templo localizado em Montserrat, Catalunha, Espanha.

Com o tempo, tal cálice se tornou invisível junto com o templo e parte da montanha.

O Santo Graal é o Vaso de Hermes, a Taça de Salomão, a urna preciosa de todos os templos de mistérios.

Na Ara da Aliança não faltava nunca o Santo Graal na forma da taça ou gomor, dentro da qual se encontrava depositado o Maná do deserto.

O Santo Graal alegoriza de forma enfática o Yoni feminino. Dentro desta santa Taça está o néctar da imortalidade, o “Soma” dos místicos, a suprema bebida dos Deuses Santos.

O Cristo Vermelho bebe do Santo Graal na hora suprema da cristificação, assim está escrito no Evangelho do Senhor.

Nunca falta o Santo Graal no altar do templo. Obviamente o Sacerdote deve beber o vinho da luz na Taça Santa.

Seria absurdo supor um templo de mistérios dentro do qual faltasse a bendita taça de todas as idades.

Isto vem nos recordar de Genebra, a Rainha dos Jinas, aquela que a Lancelote escançara o vinho nas taças deliciosas de Sukra e de Manti.

Os Deuses imortais se alimentam com a bebida contida na Taça Santa; aqueles que odeiam à Bendita Taça blasfemam contra o Espírito Santo.

O Super-Homem deve alimentar-se com o néctar da imortalidade contido no cálice divinal do templo.

A transmutação da energia criadora é fundamental quando se quer beber no Vaso Santo.

O Cristo Vermelho, sempre revolucionário, sempre rebelde, sempre heróico, sempre triunfante, brinda pelos Deuses bebendo no cálice de ouro.

Levantai bem vossa taça e cuidai de verter nem sequer uma gota do precioso vinho.

Recordai que nosso lema-divisa é Thelema (Vontade).

Do fundo do cálice, simbólica figura do órgão sexual feminino, brotam chamas que resplandecem no rosto aceso do Super-Homem.

Os Deuses inefáveis de todas as galáxias bebem sempre da bebida da imortalidade no cálice eterno.

O frio lunar produz involuções no tempo; é necessário beber do vinho sagrado da luz no vaso santo da Alquimia.

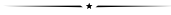
A púrpura dos reis sagrados, a coroa real e o ouro flamígero, somente é para o Cristo Vermelho.

O Senhor do Raio e do Trovão empunha em sua destra o Santo Graal e bebe o vinho de ouro para alimentar-se.

Aqueles que derramam o Vaso de Hermes durante a cópula química, de fato se convertem em criaturas infra-humanas do submundo.

Tudo o que aqui temos escrito encontra plena documentação em meu livro intitulado “*O Matrimônio Perfeito*”.

*Samael Aun Weor*







## **Cronologia da obra escrita do Venerável Mestre Samael Aun Weor**

1. Porta de Entrada à Iniciação ou Matrimônio Perfeito de Kinder	1950
2. A Revolução de Bel	1950
3. Curso Zodiacal	1951
4. Apontamentos Secretos de um Guru	1952
5. O Livro da Virgem do Carmo	1952
6. Mensagem Suprema de Natal 1952 (Gnose Século XX)	1952
7. As Sete Palavras, Ocultismo Elemental para Iniciantes	1953
8. Rosa Ígnea	1952/53
9. Segunda Mensagem de Natal 1953 (Gnose Século XX)	1953
10. Mensagem de Natal de 1954 (Gnose Século XX)	1954
11. Tratado de Alquimia Sexual	1954
12. Vontade Cristo	1955
13. Mensagem para 27 de outubro de 1955 (Gnose Século XX)	1955
14. Suprema Mensagem de Natal de 1955 (Gnose Século XX)	1955
15. Mensagem de Natal de 1956 (Gnose Século XX)	1956
15a. Mistérios Maiores	1956
16. Mensagem de Natal de 1957 (Gnose Século XX)	1957
17. Noções Fundamentais de Endocrinologia e Criminologia	
18. Tratado Esotérico de Teurgia	1958
19. Mensagem de Natal 1958 (Gnose Século XX)	1958

20. Mensagem de Natal 1958-1959 (Gnose Século XX) _____	1959
21. Logos, Mantra, Teurgia _____	1959
22. O Livro Amarelo _____	1959 <sup>1</sup>
23. Suprema Mensagem de Natal de 1959-1960 (Gnose Século XX) _	1960
24. A Mensagem de Aquário _____	1960
25. Suprema Mensagem de Natal 1960-1961 (Gnose Século XX) ___	1961
26. O Matrimônio Perfeito _____	1961
27. Suprema Mensagem de Natal 1961-1962 (Gnose Século XX) ___	1962
28. Magia Crística Asteca _____	
29. Os Mistérios do Fogo _____	1962
30. O Livro dos Mortos _____	
31. Suprema Mensagem de Natal 1962-1963 (Gnose Século XX) ___	1963
32. Suprema Mensagem de Natal 1963-1964 (Gnose Século XX) ___	1964
33. Mensagem de Natal 1964-1965 _____	1965
34. Mensagem Suprema de Natal 1965-1966 _____	1966
35. Educação Fundamental _____	1966
36. A Transformação Social da Humanidade _____	
37. A Plataforma do P.O.S.C.L.A. _____	
38. O Cristo Social _____	
39. Mensagem de Natal 1966-1967. O Colar de Buda _____	1967
40. Tratado Esotérico de Astrologia Hermética _____	
41. Mensagem de Natal 1967-1968. Os Corpos Solares _____	1968
42. Mensagem de Natal 1968-1969. Curso Esotérico de Magia Rúnica	1969
43. Tarô e Cabala _____	1969
44. Mensagem de Natal 1969-1970: Meu Regresso ao Tibete _____	1970

---

1 Temos notícia de que a primeira edição absoluta deste livro, se imprimiu em Medellín (Colômbia) em 1959, porém não conseguimos nenhum exemplar.

45.	Mensagem de Natal 1970-1971: O Parsifal Revelado _____	1971
46.	Mensagem de Natal 1971-1972: O Mistério do Áureo Florescer __	1972
47.	Mensagem de Natal 1972-1973: As Três Montanhas _____	1973
48.	Sim, há Inferno; sim, há Diabo; sim, há Karma _____	1973
<b>49.</b>	<b>A Grande Rebelião _____</b>	
50.	Tratado de Psicologia Revolucionária _____	1974
51.	Mensagem de Natal 1973-1974 _____	1974
52.	Mensagem de Natal 1974-1975: A Doutrina Secreta de Anáhuac	1975
53.	Pistis Sophia Revelado _____	1977
54.	Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática (M. Nat. 77-78) <sup>2</sup> ___	1978
55.	Sete Cátedras de Antropologia Gnóstica _____	1978
56.	Irmãos do espaço sideral (recompilação) _____	
57.	A revolução da dialética (recompilação) _____	
58.	Sete conferências e os Exercícios de Lamaseria (recompilação) _	

---

---

2 Primeira edição em 1950.

